

JULIA TEIXEIRA LOURENÇO

**As mobilizações do amor e do ódio nos discursos em torno de
Lula e Bolsonaro**

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

2022

JULIA TEIXEIRA LOURENÇO

As mobilizações do amor e do ódio nos discursos em torno de Lula e Bolsonaro

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Henrique Moreira Mazetti

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social - Jornalismo

2022

Monografia intitulada As mobilizações do amor e do ódio nos discursos em torno de Lula e Bolsonaro, de autoria da estudante Julia Teixeira Lourenço, aprovada pela banca examinadora constituída por:

Prof. Dr. Henrique Moreira Mazetti – orientador
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Prof. Jonathan Fagundes da Silva
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Amanda Cíntia Medeiros e Silva
Doutora em Comunicação (ECO/UFRJ)

Viçosa – MG, 02 de dezembro de 2022

AGRADECIMENTOS

Ao fim dessa jornada só tenho a agradecer. Agradeço a todas as pessoas que colaboraram, direta ou indiretamente, para a construção deste TCC. Aos professores e funcionários do DCM que me ensinaram muito mais do que apenas jornalismo e comunicação. Agradeço ao professor e orientador Henrique Mazetti, que me guiou em duas iniciações científicas e agora nessa monografia. Obrigada por cada correção, conselho, reunião e pela paciência, amizade e carinho.

Agradeço aos meus amigos de todas as horas, Ana Kei, Matheus, Felipe e Enya que foram parceiros nesses cinco anos de Comunicação cheios de trabalhos em grupo sem atritos, festas com hora marcada para terminar, choros dramáticos, picolés e batatas fritas. Também agradeço à Abraão, Mafê, Renata, Stéfany e a todos os outros amigos e colegas que fiz no COM18, no Cinecom e no Cajor. Agradeço à Harícia, Jade, Jullia e Laura, amigas que fiz no Coluni e minhas amigas de sempre, Raquel, Maria Lídia, Flávia, Thaty, Duda e Isabella. Obrigada por sempre me apoiarem. Amo vocês para sempre!

Agradeço à minha família pelo apoio infundo. À minha mãe por ser meu maior exemplo, meu pai por sempre me incentivar e meus irmãos, Camila e Felipe, por serem meu motivo para sempre continuar seguindo em frente. E agradeço principalmente por entenderem quando eu ficava sentada com cara de brava olhando para o computador. Agradeço aos meus tios e avós, principalmente meu avô Tito que como jardineiro na UFV me contava as histórias desse mundo do outro lado das quatro pilastras que até então era estrangeiro e inacessível.

Agradeço todos os apoios que tive, principalmente ao Cursinho Popular Pré-Coluni que me deu o primeiro incentivo da mudança pela educação, às políticas de cota que trazem todos os anos milhares de estudantes para dentro das universidades públicas e aos programas de redistribuição de renda que permitiram que minha família se estabilizasse.

Sou a primeira pessoa da minha família a chegar no ensino superior, agora sou a primeira a me formar. O compromisso é jamais ser a última.

*O sistema divorcia a emoção do pensamento
como divorcia o sexo do
amor, à vida íntima da vida pública, o passado
do presente. Se o passado não tem
nada para dizer ao presente, a história pode
permanecer adormecida, sem
incomodar, nos guarda-roupas onde o sistema
guarda seus velhos disfarces.*

(Eduardo Galeano)

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo identificar as formas como se articulam as emoções de amor e ódio nas narrativas que envolvem os candidatos à presidência Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro durante o primeiro semestre do ano eleitoral de 2022. Para isso, serão mobilizados argumentos conceituais sobre as dimensões culturais e a política das emoções; bem como os trabalhos sobre amor e ódio, especificamente. Com base nisso, analisa-se os *tweets* das contas oficiais dos presidentiáveis, *tweets* de eleitores e textos jornalísticos de analistas externos. Assim, o trabalho conclui que, apesar de ambos os candidatos aparecerem como representantes do amor e do ódio ao mesmo tempo, as articulações das emoções apontam para finalidades distintas.

PALAVRA-CHAVE

Discursos políticos, emoção, amor, ódio

ABSTRACT

This paper aims to identify the ways in which the presidential candidates Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro articulate the love and hate emotions in their narratives during the first half of the 2022 electoral year. For this, conceptual arguments about the paradigms of emotions will be mobilized, mainly the psychobiological and anthropological paradigms; as well as works about love and hate specifically. Based on this, tweets from the presidential candidates' official accounts, voters' tweets and journalistic texts from external analysts will be analyzed. Thus, the work concludes that, although both candidates appear as representatives of love and hate at the same time, the articulations of emotions point to opposite ends.

KEY-WORDS

Political discourse, emotion, love, hate

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. REFERENCIAL TEÓRICO	10
1.1 A política das emoções	10
1.1 Ódio como julgamento moral	15
1.3 Ódio e amor	20
2. METODOLOGIA	24
3. ANÁLISE - DISCURSO DOS POLÍTICOS	28
3.1.1 Lula e o amor da justiça social	28
3.1.2 Lula e o ódio como instrumentos para desigualdade	31
3.1.3 Bolsonaro e o amor submisso	34
3.1.4 Bolsonaro e o ódio hipócrita	36
3.2 ANÁLISE - DISCURSO DA AUDIÊNCIA	37
3.2.1 Lula e o amor em seu limite	37
3.2.2 Lula e o ódio solicitado pela audiência	43
3.2.3 Bolsonaro como vítima e ator do ódio	46
3.2.4 Bolsonaro como representante do amor	51
3.3 ANÁLISE - DISCURSO DE ANALISTAS EXTERNOS	54
3.3.1 Lula e o amor como estratégia comunicacional	54
3.3.2 Lula e o ódio cirista	56
3.3.3 Bolsonaro e o amor que o transforma em cidadão	58
3.3.4 Bolsonaro e o ódio ao inimigo	61
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	65

INTRODUÇÃO

Em um campo amplo como a Comunicação, muitas são as lentes possíveis para analisar-se os acontecimentos na mídia. Entre essas, as emoções são potentes orientações capazes de guiar análises como a do presente estudo. Este trabalho se volta às articulações de amor e ódio nos discursos de Lula e Bolsonaro para entender as mobilizações e imposições políticas feitas por ambos os candidatos, não só em suas estratégias midiáticas, mas em seus planos para o Brasil.

Em 2022 é inegável o apontamento da polarização política que tomou as eleições. Dois polos foram montados com candidatos postos como antagônicos. De um lado, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que governou o Brasil de 2003 a 2011 em dois mandatos pelo Partido dos Trabalhadores e foi responsável pela retirada do Brasil do Mapa da Fome na primeira década do século XXI, bem como o seu posto de primeiro presidente de origem operária. Do outro lado, o atual presidente Jair Messias Bolsonaro, um ex-militar da reserva, deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro entre 1991 e 2018, deixando o cargo para se tornar o 38º presidente do Brasil pelo PSL com uma agenda conservadora e cristã. Em 2022 ambos os candidatos despontaram como as principais opções, Lula ainda pelo PT e Bolsonaro pelo Partido Liberal.

Lula, que era o primeiro colocado nas pesquisas da eleição de 2018, foi preso no mesmo ano pela condenação no caso do triplex de Atibaia por decisão do então juiz Sérgio Moro que, com a eleição de Bolsonaro, foi nomeado ministro do Ministério da Justiça. Já em 2019 a sentença condenatória foi anulada. Enquanto Bolsonaro foi alvo de críticas desde sua posse pela postura autoritária, os casos envolvendo associação ao nazismo em seu governo, escândalos de corrupção e a ingerência durante a pandemia que resultou na CPI da Covid. Por isso, trata-se de uma das eleições mais conturbadas desde a redemocratização.

Nessa conjuntura, de polarização percebemos que os afetos também seguem esse modelo. A pesquisa realizada pelo grupo Genial/Quaest¹ no primeiro semestre deste ano se debruçou sobre o afeto para entender como votam os brasileiros. Ao questionar as possibilidades dos eleitores amarem ou odiarem Lula e Bolsonaro, os cenários se mostraram igualmente concentrados em ambos os polos. Aponta-se que 51% dos eleitores de Lula não

¹ A polarização dos afetos: números inéditos revelam comportamento dos anti-Lula e anti-Bolsonaro. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/blogs/pulso/post/2022/08/a-polarizacao-dos-afetos-numeros-ineditos-revelam-comportamento-dos-anti-lula-e-anti-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em 16/10/2022

gostam ou odeiam Bolsonaro, enquanto 32% dos bolsonaristas desgostam ou odeiam o ex-presidente. No entanto, à medida que os recortes sociais são aplicados, as discrepâncias se consolidam mais. Quanto menor a renda, maior a tendência dos eleitores de desgostar/odiar Bolsonaro, ao passo que dentre os evangélicos e os mais ricos Lula aparece como mais odiado. Além disso, a pesquisa mostra que, ao estarem polarizados, 23% dos eleitores de Bolsonaro não aceitariam a derrota do presidente nas urnas, o que só reforça a importância e a relevância das discussões sobre emoções e política, uma vez que as emoções podem ser o que motiva o apreço ou o desgosto pela democracia.

Para fazer a análise, o estudo se organiza em quatro capítulos, divididos em seções. O capítulo teórico que apresenta noções sobre as emoções: a psicobiologização das emoções e a noção de política das emoções. A psicobiologização, como explicam Rezende e Coelho (2010), Freire Filho (2017) e Rosewein (2011), se refere à noção das emoções como frutos da própria biologia humana, incapazes de serem contestadas justamente por sua natureza fisiológica. Por sua vez, o paradigma antropológico se dedica a mostrar o componente social das emoções, uma leitura que possibilita enxergar as articulações socioculturais dos sentimentos, como mostram Brudholm (2018), Kolnai (1935), Stone (2012), Solomon (2008) e Ahmed (2014).

O segundo capítulo é a metodologia, onde organizou-se todos os objetos, que são *tweets* das contas oficiais dos candidatos, *tweets* de eleitores e leituras externas por parte de jornalistas e colunistas de opinião. As categorias de análise advêm dos conceitos de crença, atitude e valores propostas por Solomon (2008) e o conceito de emoções “pegajosas”² é de Ahmed (2014). O capítulo três é da análise que se dividiu em três seções: a) discursos dos políticos, b) discurso da audiência e c) discursos de analistas externos. Cada uma das subseções foi dividida em objetos que explicitam amor em Lula, ódio em Lula, amor em Bolsonaro e ódio em Bolsonaro. A última parte do texto se dedica às considerações finais.

² Esse é um termo de Ahmed (2014) que explica como alguns sentidos a partir das emoções “grudam em certos corpos” criando posições positivas ou negativas sobre a avaliação dos objetos dessas emoções.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 A política das emoções

O primeiro dos paradigmas que explica a posição das emoções, o psicobiologizante, é aquele que entende as emoções como algo natural. Por isso, é comum ver as emoções retratadas como resquícios dos instintos de sobrevivência dos primeiros seres humanos e que nos foram transmitidas através das gerações. Pode-se entender, por exemplo, o amor como uma forma de garantir a reprodução da espécie ou o medo como maneira de manter a distância de predadores. Essa visão é parte do que Rezende e Coelho (2010) apresentam como a etnopsicologia ocidental moderna, e seus pressupostos são a psicobiologização das emoções e a leitura delas como universais e constantes. Essa etnopsicologia tem como base os preceitos que geram o senso comum das emoções, em que elas são enxergadas como eventos irracionais, individuais e subjetivos, que ao mesmo passo são interiorizadas, mas experimentadas universalmente.

Uma das bases fundamentais, e problematizadas, desse pensamento é a oposição de corpo *versus* mente que influi em outra polarização: a de razão e emoção. Para esse paradigma, as emoções nada mais são do que arranjos químicos do próprio corpo. Rezende e Coelho (2010) dão como exemplo as generalizações que acontecem ao se pensar as concentrações hormonais em corpos de homens e mulheres cisgêneros. Em razão da testosterona os homens seriam mais agressivos, violentos, enquanto as mulheres seriam mais dadas a instabilidades por causa de seus ciclos menstruais. Tal concepção cria o estereótipo, supostamente respaldado pela biologia, de homens serem mais racionais e as mulheres mais emocionais.

Nesse quadro interpretativo, com as emoções explicadas a partir de fenômenos químicos, as diferentes composições cerebrais também gerariam experiências emocionais diferentes. Se cérebros de homens e mulheres são anatomicamente desiguais, por exemplo, as formas de experimentar os sentimentos também seriam. As mulheres, cujos cérebros delimitam os ciclos reprodutivos, teriam nos dias anteriores à menstruação uma síndrome específica marcada pelos sintomas físicos e principalmente pelo descontrole emocional. E esses não são os únicos marcadores corporais das emoções. Há no paradigma psicobiologizante, e mesmo no discurso médico, a crença de que ansiedade, medo e estresse estão associados às dificuldades de engravidar. Para essa visão, alguns grupos são

considerados mais passíveis de emoções do que outros. Historicamente, pessoas pretas, mais pobres e povos tidos como primitivos ocuparam esse lugar que hoje é majoritariamente das mulheres, como apontam as autoras Rezende e Coelho (2010).

A compreensão sobre as emoções também define os limites entre público e privado no qual alguns sentimentos são mantidos na esfera privada e outros são orgulhosamente expostos, principalmente se unidos a um discurso de racionalidade. Como mostram Lutz e Abu-Lughod (1990), num momento após a revolução no Irã, o luto deixou de ser uma questão individual, uma manifestação privada e religiosa, para ser um ato público de lealdade política ao Estado. Outro exemplo abordado pelas autoras é como a melancolia dos homens do século XIX era para ser compartilhada, considerada uma marca de sua identidade, enquanto o sofrimento emocional das mulheres no século XX era um tabu que deveria ser tratado às escondidas.

Apesar disso, a perspectiva psicobiológica não desconsidera a presença do social, uma vez que reconhece que formas diferentes de manifestar essas emoções podem acontecer em diferentes culturas. No entanto, o paradigma psicobiologizante não se aprofunda nas problematizações acerca das dimensões socioculturais das emoções. As emoções nascem no corpo, e o social apenas pode fazer diferentes leituras de acordo com o contexto.

Parte desse pensamento do senso comum vem da forma como a ciência enxerga as emoções. Basta olhar para os estudos da psicologia para perceber que é a área do conhecimento que domina as leituras acerca das emoções. Como descreve Freire Filho (2017), a psicologia, como filha das ciências físicas, herdou delas suas referências teóricas e metodológicas. Assim, passou-se a estudar as emoções a partir de um viés experimental, chegando à ideia de que estas são parte de processos universais, que podem ser induzidos, observados e mensurados dentro do ambiente dos laboratórios.

As respostas oferecidas por essa noção dão uma rota simples. Um desenho animado violento, uma reportagem emocionante ou um *talk show* engraçado geram respostas emocionais padronizadas e passíveis de serem verificadas por meio de experimentos. Assim, existe a possibilidade de emitir laudos descomplicados para áreas como educação, segurança pública e saúde. No entanto, abre-se um novo problema. Ao enxergar as emoções como reações pré-programadas pelo instinto, que se ligam e desligam a partir de gatilhos, apaga-se as possibilidades de entender e analisá-las como parte de um produto histórico, fruto de práticas e performances socialmente construídas.

E essa explicação etnopsicológica falha em vários pontos para explicar as emoções. O primeiro deles, como explica Rosenwein (2011), é que mesmo que fosse uma questão

biológica, não se trataria da adaptação genética que demora milhares de anos para acontecer, mas sim de uma mudança ao nível celular cuja variabilidade é muito mais rápida. Outra peça chave é pensar o social de cada época. A era paleolítica, por exemplo, tinha desafios sociais tão trabalhosos e complexos quanto os do presente e, por isso, é praticamente impossível pensar que as formas como experimentamos emoções são as mesmas que os homens das cavernas experimentaram. Além disso, se fosse apenas uma questão padrão, as pessoas não sentiriam emoções diferentes em contextos parecidos; "elas podem sentir satisfação em vez de constrangimento, quando seus líderes fazem papel de bobo. Elas podem sentir ressentimento ao invés de gratidão pelo recebimento de auxílios sociais" (Jaggar, 1988, p. 174).

No entanto, só o fato de existir esse debate da teoria das emoções experimentadas universalmente, como aponta Rosewein (2011), evidencia-se a possibilidade de se construir uma história das emoções. Isso por si só ajuda a comprovar que não só as ciências físicas são capazes de contribuir para a discussão das emoções. É nítido que esse pensamento não deve negar a biologia por trás das emoções; no entanto, é também necessário entender como até mesmo nossos corpos — incluindo nossos cérebros — são moldados pela cultura.

Assim, se afastando das ideias puramente biológicas, a emoção seria "algo que existiria somente em contexto, emergindo da relação entre os interlocutores e a ela sempre referida" (Rezende e Coelho, 2010, p. 78). Se fosse algo puramente natural, as discussões teriam um fim na própria biologia, mas, uma vez que é possível enxergar as ações da cultura sobre as emoções, é possível perceber a forma como estas podem ser moldadas e ajudam a moldar determinados padrões de conduta e avaliações, que implicitamente organizam normas sociais e sustentam hierarquias. Nesse sentido, é plausível pensar em uma micropolítica das emoções, como exploram as autoras, uma vez que o emocional pode agir nas microrrelações sociais a partir da forma como emolduram as relações interpessoais.

E algumas são as teorias capazes de explicar essa relação, mas o contextualismo é o que pode nos ajudar a enxergar melhor nosso objeto. Na corrente de pensamento está uma noção foucaultiana muito importante no que se refere ao estudo das falas de Lula e Bolsonaro: o discurso. Para o contextualismo, o discurso é uma fala que não representa a realidade, mas a constitui. Nesse sentido, as emoções não seriam apenas fruto do momento histórico-cultural vivido: elas existiriam somente dentro de um contexto. As emoções só surgem atravessadas por relações de poder e hierarquias de valor, imersas nas concepções de moralidade e nas demarcações vigentes entre grupos sociais. Esse também é o caso do amor e do ódio. Em contextos distintos, ambas as emoções podem ganhar significados, objetos e

funções diferentes. O amor pode afastar, derrubar hierarquias e o ódio aproximar, legitimar uma série de valores, assim como todos os contrários também são possíveis. O amor e o ódio não devem ser concebidos como emoções estáticas e universais porque estão em constante negociação.

Se o discurso forma a realidade, o ato de estudá-lo nos permite explorar as visões locais das emoções, ganhando efeitos e significados. As emoções e o discurso não podem ser entendidos como partes separadas em que um pertence ao universo da consciência individual e outro ao mundo público. Sendo assim, as emoções são fenômenos sociais, passíveis de serem estudadas também pelas teorias socioculturais e linguísticas, porque é no discurso que está o ponto crucial para entender como elas são constituídas, como descrevem as autoras Lutz e Abu-Lughod (1990). E em um cenário como esse, a hipótese de entender as emoções como uma experiência particular deixa em aberto uma série de discussões.

Essa visão foi suplementada pela percepção de que os julgamentos podem ser vistos melhor como avaliações socialmente contestadas do mundo formuladas em um idioma emocional (...) Ao invés de vê-los como veículos expressivos, devemos entender os discursos emocionais como atos pragmáticos e performances comunicativas. Se as emoções são fenômenos sociais, o discurso é crucial para entender como elas são assim constituídas. (Lutz e Abu-Lughod, 1990, p. 11)

A Comunicação se posiciona dentro desse universo das emoções com leituras em ambos os sentidos, tanto do senso comum quanto da visão antropológica. Por exemplo, as teorias sobre os efeitos da mídia ao estudarem como a publicidade é capaz de gerar desejo e felicidade seguem por esse caminho em que as emoções são uma variável dependente. Dentro das produções da Comunicação é comum ver as emoções da forma como essa psicologia apresenta “fenômenos psicofisiológicos passíveis, eventualmente, de serem induzidos, observados e mensurados em voluntários, dentro do ambiente ordenado dos laboratórios.” (Freire Filho, 2017). No entanto, o olhar antropológico sobre as emoções serve muito mais a Comunicação, porque partir de uma perspectiva cultural é entender mobilizações conscientemente planejadas, mudanças sócio-históricas e construções de sentidos que pautam tanto igualdade quanto desigualdade. Estudos como a presente análise sobre a campanha de Lula e Bolsonaro só são possíveis porque as emoções podem ser vistas a partir de viés antropológico, trazendo problematizações sobre suas articulações dentro de um contexto social.

E essas mobilizações de amor e ódio vem do fato de que, no senso comum, as emoções acompanham uma valência entre as positivas e negativas. Assim, mobilizá-las “gruda” sentidos positivos ou negativos nos objetos. Solomon (2008) argumenta que essa visão é uma tentativa de tornar as emoções mais primitivas, que ao serem divididas numa

dualidade unidimensional seriam muito mais simples do que realmente são. O julgamento é sempre favorável ou desfavorável e, num contexto emocional, poucas vezes é possível se manter indiferente, mas a grande questão não é a existência de uma polarização única. Para pensar as emoções é necessário entender que existem várias polaridades e oposições.

Com as emoções sendo categorizadas como positivas e negativas, cria-se um ideal do que deve e não deve ser sentido. À medida que as emoções “positivas” devem ser sentidas de maneira quase obrigatória, as negativas precisam ser inibidas e em alguns casos até mesmo patologizadas. Isso representa um problema; uma atitude tomada em nome de determinada emoção pode ser positiva para o objeto, mas negativa em relação a si mesmo e ao mundo. Isso se deve ao fato de que as emoções não podem ser caracterizadas numa valência simples, porque esta, na verdade, não é simples.

Tendo em vista essas considerações, é possível e interessante a esses estudos pensar em uma política cultural das emoções. Ahmed (2014), que trabalha especificamente com a noção de que as emoções são relacionais e possuem uma associação de afastamento ou aproximação em relação aos objetos, afirma que as emoções se provam capazes de moldar os corpos enquanto superfícies individuais e coletivas. Para tal, ela analisa os discursos de amor à pátria de um “nós” formado pelo povo branco britânico que quer uma suposta retomada de um ideal de branquitude em oposição a um “outro” formado por estrangeiros.

Esse grupo opera pela lógica de que o seu país está sendo levado pela emoção ao conceder asilo para pessoas de outros lugares, sucumbindo à passionalidade. Seu discurso traz uma oposição entre razão e emoção em uma conjuntura em que “ser emocional é ter seu julgamento afetado: é ser reativo ao invés de ativo” (Ahmed, 2014, p. 3). Existe também nesse discurso um deslocamento da oposição razão *versus* emoção pois, nesse caso, algumas emoções são consideradas elevadas em detrimento de outras — como o amor à pátria é bem elevado, em detrimento da compaixão pelos que pedem asilo —, sendo as “melhores emoções” sempre unidas à razão. E quem possui essa capacidade de controle somos “nós” a partir do amor, apesar de todas as “emoções ruins” que “os outros” despertam.

No entanto, para Ahmed (2014) o amor que esse “nós” aciona, uma emoção lida pelo senso comum como pura e positiva, é um amor que só ama quem é igual ao “nós”, pregando a exclusão do “outro”. E é nesse ponto que reside o perigo de usar as emoções como algo natural: as emoções passam a ser justificativas naturalizadas, impossíveis de serem questionadas e muitas vezes acompanhadas de valores positivos. Por exemplo, a ideia de que o amor é bom, sentido naturalmente, inquestionável e quem o sente são os supremacistas. Nesse sentido, a emoção serve de motivo para a exclusão.

Assim, certos corpos passam a ser vistos como emocionais e outros não, já que, como elabora a autora, "as emoções moldam a superfície dos corpos que ganham forma através da repetição de ações ao longo do tempo" (Ahmed, 2014, p. 3). Nessa linha de pensamento, as emoções circulam porque as compartilhamos e principalmente as "grudamos" em certos objetos que por sua vez também circulam estampados com as emoções. Muitas vezes parte dessa circulação é justamente se fixar em algum lugar carregando seu rótulo. Mas isso não significa que esse rótulo possui uma leitura universal. Pode-se ler amor quando estão associados os sentimentos de perda e roubo, como é o caso de um "nós" formado pelos brancos supremacistas que amam o seu país e que contestam a forma como estrangeiros "outros" estão invadindo seu espaço. E então nos tornamos parte desse "nós" quando nos unimos para expurgar o "outro".

1.1 Ódio como julgamento moral

Uma das principais emoções tidas como negativas e capazes de exterminar é o ódio e sua história é longa e complexa. Brudholm (2018) se lembra de Sócrates que dizia que no mundo nada é pior do que o ódio à argumentação racional. E o filósofo não foi o único a tentar argumentar sobre essa emoção. O autor aponta ainda como Aristóteles estabeleceu que o ódio pressupõe o desejo que o odioso deixe de existir, David Hume no século XVIII caracterizou o ódio como impossível de definir e que Immanuel Kant discordou dessa posição. Kant preferiu uma definição concreta: o ódio como uma paixão, apesar de assumir a existência de uma essência confusa e secreta por trás da emoção.

E justamente por esse caráter misterioso que o ódio passou por dificuldades de definição, apesar das tentativas de muitos outros filósofos. Para alguns, o caminho foi tentar distingui-lo de outras emoções como o amor e a raiva, enquanto para outros a chave estava na união com as outras emoções. Até mesmo Charles Darwin tentou fazer suas próprias considerações ao relacionar o ódio nos humanos e em outros animais. No entanto, nesse universo de diversas hipóteses, o que se prova é a impossibilidade de negar a existência de múltiplas maneiras de pensar o ódio, como explica Brudholm (2018).

A noção que mais nos cabe neste estudo é a proposta por Kolnai (1935), Brudholm (2018) e Ahmed (2014). O ódio é visto no senso comum como semelhante ao nojo, raiva, desprezo e a todas as sensações negativas e que muitas vezes emergem trivialmente no cotidiano. É possível dizer que se odeia determinado alimento, lugar ou clima sem que aquilo nunca seja, de fato, ódio. No entanto, para Kolnai (1935), o ódio é algo que abarca o envolvimento pessoal e que se manifesta necessariamente de maneira profunda e central

porque se firma um compromisso moral com a hostilidade. Assim, algumas lógicas são seguídas. Apesar de ser possível odiar até mesmo as crianças filhas de um inimigo, o ódio pressupõe o reconhecimento de uma responsabilização ética do odiado. É mais fácil odiar o culto do que o inculto, o patrão em oposição ao funcionário, um capataz injusto do que um justo, mesmo que a justiça a ser feita seja a morte de qualquer forma (Kolnai, 1935). Para o autor, o ódio é dirigido ao papel histórico do seu odiado, não só a sua natureza; e o desejo final para o objeto desse ódio é a aniquilação, a destruição metafísica e até mesmo a vontade da condenação para além da morte. Assim, “uma pessoa que odeia alguém, persegue ou oprime (...) sem sequer se aproximar remotamente de um atentado a sua vida pode odiá-lo no sentido pleno” (Kolnai, 1935, p. 6).

As formas de viver o ódio passam obviamente pelo desejo de vingança e a indignação moral, mas a maneira mais interessante para esse estudo é o ódio que nasce em razão de visões de mundo divergentes nas quais há um “‘estado objetivo de inimizade’, um antagonismo pessoalmente condicionado” (Kolnai, 1935, p. 6), não se tratando apenas de simples antipatia ou de uma vontade de melhorias — é possível lutar por elas, sem nunca odiar — porque o ódio pressupõe aversão, condenação e reprovação. Trata-se de um sentimento obrigatoriamente moral. Pode-se odiar por divergências culturais e religiosas, mas também pode-se odiar por razões políticas, o que para o autor, é uma possibilidade concreta porque a própria lógica do âmbito político fornece maneiras para que o ódio entre políticos cresça.

E esse panorama proposto por Kolnai (1935) se desdobra em várias outras perspectivas propostas por outros pensadores que expandiram o conceito e suas possíveis variedades. Uma dessas formas é entender o ódio como uma atitude. A classe das atitudes é de grande complexidade, mas o ódio também é igualmente complexo e por isso é impossível tentar fazê-lo caber dentro dos conceitos, dado que “o ódio está no extremo de um *continuum* de atitudes em jogo nas nossas relações um com o outro” (Brudholm, 2010, p. 293). Ele foge da normalidade pois, apesar de apontar para a destruição, o ódio não necessariamente termina com os relacionamentos quando ele aparece. No entanto, seu poder é tamanho que coexistir no mesmo mundo com o objeto odiado é impossível porque acredita-se que este é perigoso, intolerável, não como indivíduo, mas dentro do grupo a que pertencem. Um bom exemplo é como ocorre nas visões preconceituosas contra as mulheres, os LGBTQIA+, os judeus, muçulmanos, etc. Isso é o que legitima, por exemplo, os crimes de ódio nos quais as vítimas são escolhidas fundamentalmente por serem pertencentes a algum grupo.

Quem odeia enxerga no odiado características que não podem ser mudadas. Brudholm (2010) dá o exemplo de um artigo impresso em uma revista em Ruanda, durante o massacre dos Tutsi, no qual o povo era comparado a baratas. A partir de um discurso de desumanização e repugnância, a mensagem era que o extermínio era necessário porque não importava o quanto tentavam aniquilá-los, eles continuavam os mesmos. Esse tipo de ódio é o que o autor considera como ódio reativo retributivo em que não há possibilidade de diálogo porque enxerga-se o odiado como alguém que não pode ser mudado. É diferente, por exemplo, da atitude participante reativa, na classe das atitudes, em que é preciso um “respeito por conhecimento” por parte do outro, uma necessidade mínima de boa vontade mútua entre as partes.

Há quem tenha divergências com a força desse poder. Como Brudholm (2010) sinaliza, para Bauman o ódio é imponderável, seu peso para explicar situações do mundo não é significativo, apesar de o autor nunca tentar fazer uma conceituação e seu argumento principal ser sobre a racionalidade máxima na modernidade gerar assassinatos em massa para fins de otimização. Assim, para o autor, genocídios como o Holocausto não seriam capazes, dentro dessa lógica, de acontecerem em razão simplesmente do ódio. Para Bauman, o que existiu foi uma arquitetura social, política e cultural muito complexa. A violência do Holocausto, para o autor, não era só uma violência individual causada pelo ódio racista, mas uma construção coletiva a partir de uma agenda elaborada, que não poderia se pautar somente numa paixão como o ódio.

No entanto, uma outra forma de pensar o ódio é justamente considerá-lo como ponderável. O ódio se dirige necessariamente à destruição do objeto, não só uma destruição física, mas para um fim próximo da extinção, mesmo que apenas simbolicamente. Não se trata de uma “luta por vantagens ou melhorias, estas podem estar subjacentes a uma intenção destrutiva sem a menor intervenção de ódio. É apenas a destruição” (Kolnai, 1981, p. 59).

Na modernidade, o objeto do ódio consiste em grupos identitários que são tratados como uma ameaça, mas que na realidade representam um transtorno para um modelo específico de vivência cisgênero, hétero, branca e cristã. Não importa se esse odiado é uma criança, um adulto, um homem ou mulher, porque o ódio é sempre globalizante. Como aponta Brudholm (2018), essa noção proposta pelo autor em que o ódio é uma necessidade de extinção do objeto odiado pode explicar uma parte considerável por trás dos processos de destruição em massa, diferente da consideração que Bauman propunha ao descartar o papel das emoções nos genocídios.

E durante a historiografia mundial os usos do ódio como lógica de guerra foram inúmeros. O fascismo italiano usou do ódio em antagonismo aos soviéticos como uma forma de manter sua hegemonia e lutar fora das trincheiras contra o socialismo. O regime fascista passou a representar em suas propagandas os soldados soviéticos como uma fonte de destruição de toda a civilização ocidental, contra os preceitos da família italiana e do catolicismo porque “de acordo com os fascistas, no lugar em que eles ofereciam proteção, estabilidade e significado à nação, a esquerda promulgou o caos” (Stone, 2012, p. 74). A lógica deles era simples: criar uma polarização dicotômica, fácil de ser apreendida em que de um lado havia o bem e do outro o mal numa lógica de eles *versus* nós. O soldado soviético era bárbaro, desprezível, despertava tanto medo que nas mãos dos fascistas esse sentimento rapidamente podia se transformar em ódio.

O regime italiano procurou, por meio de suas propagandas oficiais e não oficiais, transmitir essa crença. Com o passar do tempo, as lendas ao redor dos Bolcheviques eram as mais viscerais e mais absurdas, como quando se espalhou um boato de que crianças italianas eram sequestradas pelos soldados para ser vendidas e utilizadas como mão de obra escravizada (Stone, 2012). O russo ocidental era brutal, primitivo e queria colocar os derrotados da guerra em uma situação de pecado, tanto que as propagandas fascistas da época constantemente evocavam a ideia de uma nova cruzada religiosa. As principais características atribuídos aos soviéticos eram seu ódio por Deus, Cristo e a Igreja, além da opção pelo aborto, as práticas imorais e o assassinato. A ideia que os fascistas queriam construir era principalmente de um ódio ao diabólico, representado pelos soviéticos. Tanto quanto uma guerra física, na concepção dos fascistas, os soviéticos estavam travando uma batalha contra o próprio Deus e a igreja católica, desrespeitando símbolos, atacando o sagrado, e dessa forma sendo assim fadados à condenação eterna. Para os fascistas era preciso criar um inimigo tão impossível de ser mudado e perdoado que o ódio seria irremediável em um nível que nem mesmo Deus poderia isentá-los de suas falhas porque eles eram demoníacos em sua essência. Um exemplo emblemático disso é descrito pela autora:

Um cartão postal impresso e distribuído pelas forças armadas italianas em 1942 e 1943 para os soldados do front se comunicarem com seus entes queridos que estavam em casa mostrava um soldado italiano mantendo os demônios afastados fechando sobre eles a porta onde estava escrito “Europa”, enquanto protegia uma mãe e criança em pose de Madonna e filho” (Stone, 2012, p. 83)

Mas até agora a reflexão se propôs a pensar o lado preconceituoso e poderoso dos genocídios do ódio. No entanto, uma maneira diferente de conceber a emoção é a partir do ódio que a vítima sente em relação ao seu agressor. Em oposição ao ódio aos judeus, por

exemplo, que nada fizeram para merecer as atitudes violentas, existe o ódio da vítima ao seu torturador, aquele que fez algo concreto para promover a dor. Brudholm (2018) usa um caso específico para falar dessa dimensão do ódio. Primo Levi, o químico e escritor que foi preso e torturado em Auschwitz, escreveu em seu poema “Para Adolf Eichmann” sobre como desejava que Eichmann, um dos principais organizadores do Holocausto, não morresse, e que na verdade vivesse mais do que qualquer pessoa já viveu, apenas para passar cinco milhões de noites insones sendo visitado pela dor de cada um dos judeus contra os quais ele contribuiu para o sofrimento. A lógica do ódio é a mesma, o desejo de destruição e aniquilação — nesse caso uma que vai além das fronteiras da morte —, mas a diferença está no ódio não ser endereçado a uma categoria inteira como é de praxe no ódio moderno, em que as minorias são odiadas por um suposto perigo que oferecem a um projeto de vida.

No ódio moderno se odeia não porque é negro, mulher ou gay, mas porque ser alguma dessas coisas significa uma forma de ameaça. No caso da vítima, o ódio que ela sente não advém de uma fantasia. O ódio que quem sofreu sente é parte de uma realidade em que o objeto do ódio o machucou de maneira irreversível. Esse objeto pode ser uma pessoa específica, como no caso de Primo Levi, que endereçava o seu poema a figura de Adolf Eichmann ou a um grupo de pessoas — os fascistas, os nazistas e genocidas no geral. Mas isso não significa que esse ódio é defensável ou bom para quem o sente. Mesmo quando sentido pela vítima de atos imperdoáveis, o ódio ainda é qualificado por uma das suas principais características: ele pode não acabar com a extinção do objeto odiado e o ódio junto a necessidade de destruição podem nunca ser aplacados. Isso que pode transportar quem odeia para um inferno de “desejo ilimitado pela aniquilação” (Kolnai, 1935, p. 41).

E não se pode dizer que nenhum dos dois ódios é irracional. Pelo contrário, o ódio é saturado de normas. É claro que muitas vezes suas motivações são fundadas em preconceitos descabidos, mas o ódio, enquanto lógica, opera de maneiras sistemáticas. “Será equivocado supor que o ódio é momentâneo, errático ou caprichoso” (Brudholm, 2018, p. 21) porque, salvo os momentos em que surge em rompantes selvagens, o ódio está associado a percepções que são até certo ponto previsíveis, a julgamentos e crenças sobre o mundo social que já estão enraizados. Por isso, o autor sugere que o ódio e as outras emoções não são apenas racionais, mas que sem as emoções seria impossível ter qualquer atitude racional. Solomon (2008) também acredita nessa centralidade das emoções. Para ele, elas são estratégias para conseguirmos o que queremos no mundo e nos afastarmos do que não queremos, e nisso reside também a racionalidade, visto que racionalizar seria, para ele, otimizar o bem-estar.

Podemos agora entender a relativa racionalidade e irracionalidade de várias emoções e tipos de emoção. Raramente uma emoção (amor, raiva, culpa, ciúme, tristeza, alegria) é racional ou irracional em todos os sentidos. Depende da ocasião particular e de suas circunstâncias. Muito menos faz sentido dizer: “As emoções são irracionais”, como se todas as emoções se enquadrassem na mesma categoria infeliz. (Solomon, 2008, p. 182)

Ainda dentro dessa concepção de que as emoções são maneiras de se engajar com o mundo à nossa volta, uma dessas formas de se engajar é expressando julgamentos pelos objetos das emoções. E não é diferente com o ódio. Não necessariamente os julgamentos são propositais, pensados, mas sempre de caráter avaliativo que se baseiam em crenças ao mesmo tempo que expressam atitudes, dado que as emoções por si só já apresentam sua própria estrutura moral. Sendo assim, todas elas acompanham um juízo moral (Solomon, 2018). É isso que diferencia, por exemplo, a indignação moral da raiva, como aponta o autor. Quando se está indignado com algo, a questão não é gostar ou desgostar do ato ou objeto, mas entender que ele é intrinsecamente errado, mesmo que não afete quem se indigna ou afete seus valores morais, a atitude tomada diante dela pode ser a reivindicação. Já na raiva algo também está errado, mas nesse caso algo afetou diretamente quem a sente ou seus valores e a atitude pode ser de se ofender, mesmo que se reconheça a validade do argumento. No caso do ódio, a avaliação do objeto odiado coloca sobre ele tantas características negativas que a atitude a ser tomada é de afastamento, de incapacidade de coexistência e a crença é que esse objeto jamais pode mudar.

1.3 Ódio e amor

Em um mundo de dualidades de preto/branco, cima/baixo, homem/mulher, o ódio e o amor frequentemente são lidos como opostos simétricos, sendo o ódio negativo e o amor positivo. E de fato, é possível ver algumas semelhanças. O amor é uma emoção de aproximação enquanto o ódio é de afastamento, ambos envolvem uma condição de igualdade e um reconhecimento de importância (Solomon, 2008), além de comprometido de formas opostas. É possível pensar que, por causa dessas posições antagônicas, amor e ódio estariam ligados como opostos. A lógica é que no ódio a existência do odiado é tão impossível de ser ignorada, se odeia com tanta veemência, que o primeiro impulso desse comprometimento, só poderia ser o amor.

Mas o conceito de polaridade só se torna real se “é impossível que uma instância de um deles existe sem alguma correspondência do outro” (Dorschel, 2002 p. 303). Por exemplo, só existe o conceito marido, se seu polar oposto — a esposa ou o outro marido — existir. E no caso do amor e do ódio essa implicação de necessidade não precisa existir. Não é

necessário odiar alguém o enquanto o ama para que o amor exista, e tampouco o contrário. O que pode existir é uma sucessão, o amor se transformando em ódio, mas mesmo assim essa não é a alteração mais comum.

E existem outros elementos que apontam para a dificuldade de uma oposição entre amor e ódio. Kolnai (1935) mostra que a maior dessas disparidades está no alcance de ambas as emoções. Para ele, existem muito mais formas de amor do que de ódio — como o amor à pátria, romântico, fraternal, paterno e mais uma infinidade —, enquanto o ódio é único, variando somente no que diz respeito aos tipos de aniquilação, que podem envolver o assassinato propriamente dito, mas também outras formas de eliminar o objeto odiado. Assim, o amor produz múltiplas formas de se conviver com o amado, criando diversos vínculos com muitos tipos de relações, enquanto o ódio reduz as formas com as quais se é possível interagir, uma vez que a meta do ódio é sempre fixa: a destruição.

Outra distinção entre amor e ódio está no caminho que essas emoções fazem. Kolnai (1935) explica que quando algo nos agrada a ponto de podermos amá-lo, esse movimento se dá aos poucos. Mas quando se há a possibilidade de odiar algo, é mais como um solavanco, um trajeto mais rápido, de escalada. Além disso, existem muito mais objetos que podem ser amados do que odiados. Por isso, é muito mais comum, como no exemplo proposto pelo autor, o trajeto entre gostar de um jardim e passar a amá-lo do que rejeitar um espaço abandonado para enfim odiá-lo. Muito disso por outra característica que distingue amor e ódio: o de envolver coisas ao invés de pessoas. Com objetos inanimados, se algo desagrade de tal forma que esse desagrado possa se tornar ódio, é muito mais simples colocar o objeto fora de ação do que seria para com uma pessoa.

Como aponta o autor, é possível dizer que o amor é menos restrito e específico do que o ódio. Para haver o ódio é preciso que o objeto seja bem determinado tanto em seus atos quanto em seus significados, para que a relação de antagonismo seja criada em ambas as partes. Isso não acontece necessariamente com o amor, que não requer reciprocidade, enquanto ódio mútuo é frequente; mais até do que amor, que muitas vezes pode unir pessoas justamente por amarem um objeto, que não pode corresponder ao sentimento. Em suma:

O ódio requer uma significação e uma atividade do objeto muito mais estritamente determinadas e também uma situação de parentesco muito mais estreitamente confinada. Os objetos de amor podem ser encontrados e assumidos quase "à vontade"; os objetos de ódio devem (essencialmente) situar-se em relação ao sujeito em uma relação de inimizade fundamentada. (Kolnai, 1935, p. 21)

O que fica claro é que o ódio tem uma necessidade extrema do seu objeto, maior até do que o amor. Mesmo quando esse não existe mais fisicamente e o ódio alcançou o seu fim máximo na destruição, é possível continuar vivendo o ódio porque “o objeto faz diferença, mas não pode satisfazer o sujeito, cuja necessidade vai além dele” (Ahmed, 2014, p. 51). Então, o ódio é um sentimento necessariamente caracterizado pelo envolvimento pessoal, mas tendo como propriedades fundamentais a profundidade e centralidade porque não existe ódio superficial ou que seja secundário na vida de quem o sente. O ódio é um compromisso assumido, uma forma de se engajar com o mundo que pressupõe dedicação. Pode-se então dizer que o oposto do ódio seria a indiferença porque no ódio existe um apego que é incapaz de ignorar o objeto no mundo. O ódio, assim como o amor, nas palavras de Ahmed (2014), quer colocar suas mãos em seu objeto, com a diferença de que no ódio o toque leva a destruição.

Essa semelhança é uma das coisas que pode confundir as fronteiras entre uma emoção e a outra. Grupos de ódio constantemente se renomeiam como organizações em prol do amor. A mensagem é que ao se unirem por um ideal — o amor à nação — estão protegendo e amando uns aos outros, quando ao mesmo tempo, a aspiração máxima é a extinção do grupo odiado. E essa renomeação possibilita que esses grupos se associem a um “bom” sentimento ao invés de um “ruim”, ganhando uma valorização positiva. E como a bandeira levantada é o amor, “o ódio se torna uma emoção que pertence àqueles que identificam o grupos de ódio como grupo de ódio” (Ahmed, 2014, p. 122). E quem os identifica como grupo de ódio é lido como alguém que não está interessado em manter a integridade e a proteção de quem está vulnerável por explicitar seu amor à nação. Como aponta Ahmed (2014), é uma lógica bem equilibrada: quem é contra aqueles que amam a nação, está também odiando a própria nação. E no caso, essas pessoas são os antirracistas, antifascistas, feministas e qualquer grupo que aponte as exclusões propostas por grupos de ódio. E a fácil organização em torno do amor se dá pelo fato de que essa emoção é muito importante para a construção de uma identidade principalmente porque esse amor depende de um líder, alguém para quem o sentimento é transmitido, reflete o amor à nação, orienta e cria pontos de identificação com esse grupo.

E quando a nação não retribui esse amor, continua-se amando, mas com esperança de que o retorno desse amor venha para as próximas gerações que, no caso dos supremacistas, são as gerações futuras de crianças brancas. E existe também sempre uma explicação para o fracasso da retribuição, que geralmente envolve o grupo de “amor” sendo traído, roubado e ferido por aqueles que não amam a nação. É necessário para essa fantasia de retribuição que

exista um obstáculo intransponível, o que justificaria a necessidade de que sem esse grupo formado por minorias, a nação ideal seria alcançada, (Ahmend, 2014).

Uma outra maneira de pensar o amor pela nação é vê-lo a partir de uma perspectiva de amor multicultural. Se o amor pela nação por parte dos grupos de ódio disfarçado só enxerga uma existência como a passível de amar a nação, o amor multicultural vê na pluralidade de culturas um ideal de nacionalidade baseado no amor condicional e na hospitalidade. Também, quem é de fora é capaz de compartilhar desse amor, como explica Ahmed (2014). Nesse imaginário, a nação é posta como aberta para a diversidade, amorosa e acolhedora para com os migrantes, seus sujeitos seriam bondosos e tolerantes. É óbvio que tal abertura requer de quem chega algumas posturas de respeito à nação, principalmente posturas de adequação ao que significa ser parte da nação. É necessário quase deixar de ser o que se é para ser o sujeito ideal da nação. A autora exemplifica com o caso dos muçulmanos no Reino Unido. É esperado deles que fossem sobretudo ingleses, que falassem a língua inglesa em casa e que a aprendessem de forma a se misturar entre os nativos porque “tornar-se britânico é um trabalho de amor para o migrante, cuja recompensa é a ‘promessa’ de ser amado em troca” (Ahmed, 2014, p. 134). E se esse trabalho de tornar-se parte da nação falha, o que resta é a sensação de ingratidão por parte dos migrantes.

Outra política possível para o amor e que parece ser uma boa alternativa é a ideia de amor pela diferença. Nela a coisa que mais nos une não é o amor pela nação, mas o amor pela própria diferença, em que o pluralismo se transforma em consenso. Obviamente, as únicas diferenças aceitas são aquelas que a nação pode e consegue gerir, e estas são amadas, sendo assim, essa forma de amor leva ao mesmo ponto que a anterior. Dessa forma, é uma maneira de reproduzir o mesmo sujeito nacional baseando-se na forma como ele incorpora os outros sujeitos a si mesmo onde “o amor não é o que vai desafiar as relações de poder que a idealização ‘apoia’ em sua restrição de identidade de alguns corpos” (Ahmed, 2014, p. 140). Tampouco uma política baseada em ódio é a solução. Se uma política baseada em amor tenta transformar todos em sujeitos ideais, uma política do ódio procuraria o extermínio — mesmo que não o assassinato — de todos aqueles que se odeia num ciclo sem fim.

Uma política do ódio, para o senso comum, já seria insustentável, mas uma política do amor se prova igualmente infundada. Para Ahmed (2014), uma visão política baseada no amor não é suficientemente confiável porque não há amor que por si só possa mudar o mundo, mas essa não é a única alternativa. Em sua concepção, uma visão política que é amada por algum motivo é uma razão para se investir nela, em resistir por ela e reconhecer que não só o amor a sustenta.

2. METODOLOGIA

Para atingir o objetivo de entender os sentidos atribuídos de amor e ódio nas campanhas de Lula e Bolsonaro, selecionamos os discursos dos próprios políticos, textos de analistas externos e discussões no *Twitter* que, de alguma forma, explicitavam as relações que os candidatos estabeleciam com o amor e o ódio. A grande maioria foi retirada dos próprios perfis de Lula e Bolsonaro, nos quais os candidatos têm maior autonomia para se expressar devido ao caráter autoral da plataforma. Além disso, as discussões de eleitores também foram consideradas uma vez que mostram como os sentidos podem ser estimulados pelas campanhas, assumindo ou rejeitando as relações que os candidatos mantêm com as emoções. Também de comentários feitos por terceiros e análises hospedadas em outras plataformas como *blogs* e *websites* de jornais que dariam um panorama não só da forma como os candidatos conectam seus discursos com as noções de amor e ódio, mas como são lidos pela população. O recorte temporal levou em conta o que foi produzido nos primeiros oito meses de 2022.

É necessário ressaltar que mesmo antes das eleições de 2022, amor e ódio, bem como outras emoções, já eram articuladas não só por ambos os candidatos, mas por seus partidos e por aliados políticos. Durante o pleito que elegeu Bolsonaro em 2018, uma grande crítica dos seus aliados era para a esquerda, que supostamente era representante do amor, por comemorar o atentado que Jair Bolsonaro sofreu ainda no primeiro turno. Seus filhos e outros representantes do então partido do candidato se manifestaram compartilhando as comemorações e variantes dos dizeres “esse é o amor que a esquerda prega”. Já o Partido dos Trabalhadores não tinha Lula, mas possuía em seu lema uma tentativa de resgate de “bons sentimentos” com o slogan da campanha de Fernando Haddad em 2018 sendo “o Brasil feliz de novo”. E mesmo antes disso, em outros cenários políticos e sociais, as emoções foram usadas para fins eleitorais. Em 1988, o voto “não” no plebiscito nacional chileno que significava a convocação de eleições democráticas e o fim da ditadura de Pinochet tinha como jingle e principal lema: “Chile, a alegria está chegando”. Mesmo nas eleições de 2022, outros candidatos se dedicaram a falar das emoções, como foi o caso de Simone Tebet que tinha como slogan “amor e coragem”.

No caso dos discursos das campanhas de Lula e Bolsonaro em 2022, a pesquisa foi feita a partir da busca das palavras-chaves “amor” e “ódio” nos perfis oficiais no *Twitter*, pelo próprio buscador da rede social. Foram considerados os *tweets* produzidos em ambos os

perfis dentro do período proposto. As discussões em perfis de terceiros seguiram a mesma lógica; no entanto, foram coletados os *tweets* que mencionaram os perfis ou citaram nominalmente os candidatos. A coleta dos analistas externos se deu por meio do buscador do *Google* e seguiu a mesma lógica de localizar o nome dos candidatos junto com os termos “amor” e “ódio”, respeitando o marcador temporal dos oito primeiros meses de 2022. Cabe dizer que essa última pesquisa obteve menos resultados porque, diferente do Twitter, as pesquisas por termos são menores.

Essa coleta nos gerou 45 publicações que foram reunidas e, em um primeiro momento, foram enumeradas e decupadas as que se tratavam de vídeos, além de descritas as que acompanhavam imagens. Para esse universo foi criada uma tabela e para a análise dos objetos utilizaremos três dimensões de julgamento moral propostas por Solomon (2008): os *valores*, as *crenças* e as *atitudes* que acompanham as emoções, além da consideração de Ahmed (2014) sobre os sentidos serem “grudados” em pessoas e objetos a partir das emoções. Assim, visamos entender os usos dos conceitos de amor e ódio nas campanhas de Lula e Bolsonaro.

Sobre as dimensões de julgamento moral de Solomon (2008), transformadas aqui em categorias de análise, o autor mostra que essas são indicativas de que todas as emoções acompanham um juízo moral. Os *valores* nas emoções são, para o autor, uma das dimensões mais importantes porque as emoções incorporam nossos valores pessoais, mas também são uma forma de expressá-los no mundo. Dessa forma, as emoções são capazes de avaliar objetos, fazendo com que “a pessoa de quem se está com raiva pareça irritante, a pessoa odiada apareça odiosa, o amado apareça adorável” (Solomon, 2008, p. 162) e assim, a partir desses valores, as emoções não só fazem parte da realidade, mas a constituem. Deste modo, para o autor, as emoções também têm um significado ético, justamente por serem constituídas por julgamentos que são carregados de valores. E esses valores raramente são simples.

No caso do objeto, os valores seriam as noções que orientam as mensagens dos *tweets*. Cada um deles expressa um conjunto de características específicas que podem expressar as formas como amor e ódio são manifestados nos discursos de ambos os candidatos. Nos *tweets* e nas leituras de terceiros sobre Lula e Bolsonaro, os valores embutidos mostrarão as avaliações feitas de si mesmos pelos candidatos em relação a suas associações com amor e ódio, mas também as avaliações um do outro.

Já as *crenças* operam de uma forma diferente para com as emoções. Geralmente as crenças são baseadas em evidências e testemunhos; por exemplo, só se acredita no perigo de animais como cobras e aranhas pelas experiências empíricas ou pelas declarações de outros.

No entanto, não necessariamente todas as crenças se baseiam em evidências e testemunhos, em outros casos elas podem ter um caráter quase primitivo, atingindo o lugar de intuição e instinto, e há também aquelas que se baseiam em preconceitos e estereótipos. Como o autor explica, quando essas são muito articuladas, sofisticadas e argumentadas, as crenças tendem a ser carregadas emocionalmente ou então elas são dadas como estáveis, pouco discutidas e ganham contornos emocionais quando são postas à prova.

Algumas crenças são mais difíceis de mudar que as outras com apenas o acréscimo de informações, o que não significa que elas não possam se transformar. Porém, na maior parte do tempo, as emoções são confirmadas e reforçadas pelas crenças e, portanto, os julgamentos avaliativos que as emoções fazem são baseados em crenças. Solomon (2008) dá o exemplo do medo para demonstrar seu argumento. Alguém sente medo ao passar por uma rua escura e crê que ali é um lugar perigoso e, ao se lembrar das altas estatísticas de criminalidade do lugar, seu medo aumenta.

No objeto aqui estudados, as crenças acerca das relações estabelecidas com amor e ódio são convicções dadas como certas e difundidas pelos *tweets* e nas leituras de agentes externos. As crenças serão o que sustentará as argumentações dos candidatos e sobre eles.

As *attitudes* também são parte fundamental das emoções. Solomon (2008) acredita na intencionalidade das emoções, sendo estas possuidoras de uma inteligência própria, o que faz com que sejam “meio de motivar, orientar, influenciar e, às vezes, manipular nossas próprias ações e atitudes, bem como influenciar e manipular as ações e atitudes dos outros” (Solomon, 2008, p. 3). Assim, as atitudes são produtos das emoções sentidas, cujos resultados podem ser múltiplos, tanto para o objeto quanto para quem sente. Uma emoção pode requerer atitudes positivas em relação ao objeto e ao sujeito — o autor dá o exemplo do amor que engrandece não só o amado, mas também quem ama —, mas também pode ser positiva em relação ao objeto e negativa em relação a si mesmo, como na inveja, por exemplo. Assim, as atitudes das emoções não são universais e totalizadoras. Mesmo no ódio, onde seu fim é sempre a aniquilação, o assassinato não é a única atitude possível. Dentro do nosso objeto, as atitudes serão os atos convocados pelas falas analisadas.

Essas são as dimensões de julgamento moral mais interessantes ao estudo, mas não são as únicas. Outras como status, responsabilidade, influência moral e distância também existem, no entanto, as que mais contribuem para a discussão sobre a mobilização de amor e ódio são crenças, valores e atitudes.

Por fim, sobre os sentidos serem grudados nos sujeitos, Ahmed (2014) argumenta que as emoções se movem entre os corpos, mas também grudam neles, saturando e

transformando-os em espaços de tensão onde pessoas diferentes se unem ou se separam. Mesmo no vocabulário desses que se unem existem termos que grudam para caracterizar o outro “porque se apegam por meio de afetos particulares” (Ahmed, 2014, p. 60) pois há um movimento de moldar diferentes histórias para criar histórias que permaneceram vivas. Por exemplo, como a autora mostra, as associações de vocabulário racista que perduram para descrever pessoas pretas em discursos, muitas vezes metafóricos, mas que permitem apreender crenças e valores sobre a existência de um povo inteiro.

Objetos também podem grudar sentidos, como no caso da bandeira que pode significar uma nação unida, que se doa e integra em prol de um bem comum. Nesse sentido é possível também grudar as emoções em prol da criação de um coletivo. “O amor, afinal, tem sido muitas vezes teorizado como uma emoção pegajosa que une as pessoas, por exemplo, em discursos de fraternidade e patriotismo” (Ahmed, 2014, p. 125).

E os sentidos sendo grudando nos sujeitos é uma dimensão tão complexa que mesmo a sua potencialidade é discutida. A autora mostra como o “poderia ser” circula entre os corpos causando uma sensação de medo e insegurança. Árabes *poderiam ser* terroristas e por isso precisam ser detidos, militantes de esquerda *poderiam ser* revolucionários socialistas, logo seu discurso deve ser cerceado. A grande questão é grudar nos corpos o sentido, mesmo antes que ele exista.

A partir desses conceitos, um quadro de análise foi criado para reunir os objetos e as respectivas respostas aos questionamentos: “quais valores estão sendo explicitados?”, “quais crenças estão sendo explicitadas?”, “quais atitudes estão sendo incentivadas?” e “qual sentido está sendo grudado no objeto do sentimento?”.

3. ANÁLISE - DISCURSO DOS POLÍTICOS

3.1.1 Lula e o amor da justiça social

Ao analisarmos os *tweets* dos candidatos, alguns padrões foram percebidos, não só nas formas como Lula e Bolsonaro mobilizam amor e ódio para se caracterizar, mas também para definir um ao outro a partir das emoções. Essa seção se dedica a expor esses padrões.

Apesar de o slogan oficial da campanha de Lula ser “Vamos Juntos Pelo Brasil”, a máxima que aparece frequentemente em seus discursos e peças publicitárias é “o amor vai vencer o ódio”. Lula articula ambas as emoções delimitando para cada uma delas lugares específicos. O amor é representado por ele, seus seguidores e apoiadores. Como mostra a Figura 1, o movimento do qual ele faz parte é o movimento do amor, o que pressupõe que outros movimentos — especialmente o movimento de Bolsonaro, seu principal concorrente — não seriam do amor, paz e do afeto.

Ele atrela a emoção à superação de condições sociais, nesse caso a fome e a miséria. Num contexto em que um dos principais problemas do governo do atual presidente é a fome e um dos principais feitos do governo Lula foi justamente a retirada do Brasil do Mapa da Fome, as delimitações das emoções são claras. Para Lula, Bolsonaro não defende o amor, a paz, a humanidade e o afeto visto que a condição para tais emoções é não ser capaz de suportar a fome e a miséria. O que diferencia Lula e Bolsonaro é a postura de compaixão, apreço a vida que o petista tem e o direitista é representado como incapaz de sentir.



Figura 1

Essa não é a única vez que Lula articula o amor como instrumento para políticas públicas: em outro *tweet* ele repete sua máxima, mas completa: “O amor vai vencer o ódio. O trabalho vai vencer o desemprego. A comida na mesa vai vencer a fila do osso. E o povo vai usar gás de cozinha, porque o preço vai ser compatível com o salário. Vamos voltar a ver esse país feliz! Boa noite.”³. Novamente, Lula traça paralelos entre amor e ódio, atrelando o ódio a tudo aquilo que emergiu como maiores críticas ao governo Bolsonaro. Dessa vez é invocada a memória de seu próprio governo ao dizer que os brasileiros irão ver *novamente* o país feliz, prometendo uma melhora e de novo trazendo para sua imagem e de seus governos as “emoções positivas”.

Assim, uma das principais crenças explicitadas por Lula é a de que quem defende o amor é incapaz de suportar as mazelas sociais. Além disso, a convicção na possibilidade da construção de um movimento pautado em amor, paz, humanismo e afeto. Ao posar com diversos eleitores, Lula cria a imagem de união e conexão com o povo — que é quem sofre com a fome e a miséria —, enquanto gruda em si o sentido de alguém que ama e por isso é capaz de combater a fome. Para Ahmed (2014), uma política baseada no amor cria cidadãos ideais, mas no caso de Lula, o sujeito ideal que ele propõe não é apenas o cidadão, mas também o governante, uma vez que o petista assume que o presidente precisa em primeiro lugar amar para combater a fome. Nesse sentido, Bolsonaro — que para Lula é seu extremo oposto — e suas ideias e comportamento de ódio não cabem nesse projeto ideal de sociedade e nem de presidente.

É também pelo amor que Lula acredita que se pode resolver não só desigualdades sociais, mas outros problemas. Lula deixa claro em suas falas a crença de que a raiva não é capaz de produzir soluções para conflitos. Na Figura 2 e na Figura 3, além de em outros exemplos, o candidato explicita que poderia estar com raiva, mas deixa claro que em si mesmo só há o amor, não existe nem a hipótese de se odiar. No exemplo da Figura 2, ele prova tal fato alegando estar apaixonado e prestes a se casar. Apesar de o amor existir em uma infinidade de configurações, Lula não reivindica apenas o amor à pátria para si, mas também o amor romântico como prova de que a raiva não tem nenhum espaço em si mesmo. Assim, o amor passa a ser a condição primordial para a verdadeira promessa em seu discurso: a confiança em um Brasil diferente. Lula não tem raiva, nem nenhuma outra emoção tida

³ O amor vai vencer o ódio. O trabalho vai vencer o desemprego. A comida na mesa vai vencer a fila do osso. E o povo vai usar gás de cozinha, porque o preço vai ser compatível com o salário. Vamos voltar a ver esse país feliz! Boa noite.. Brasil, 24/05/ 2022. Twitter: @LulaOficial. Disponível em :<https://twitter.com/LulaOficial/status/1529267809317953536>. Acesso em: 09/09/2022

como negativa, sente tanto amor que vai se casar e essa ausência de raiva e presença do amor que dão a ele a capacidade de vislumbrar uma melhora. E não é a única vez que Lula fala de amor romântico. Em outros tweets, principalmente os que aparece com sua recém-esposa, Lula usa do seu lema para postar uma foto do casamento. Com Janja ao seu lado, Lula diz que “o amor venceu o ódio”.

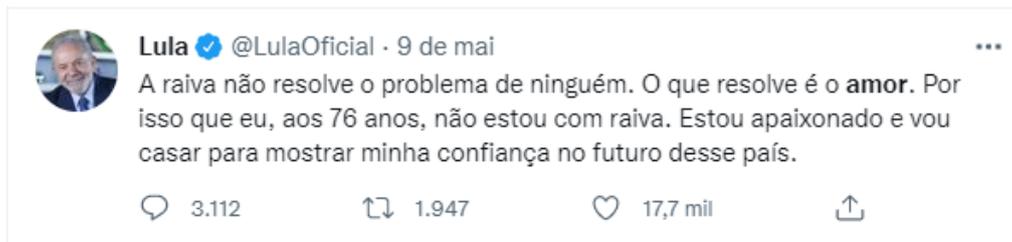


Figura 2

Na Figura 3, bem como na Figura 2, Lula aponta que poderia ter emoções tidas como negativas, dessa vez falando de nervosismo e novamente de raiva, mas Lula não atrela a si ódio. Lula não diz que poderia sentir ódio, essa emoção ele relega ao Bolsonaro. Reconhece a possibilidade e assim a validade das emoções negativas pois sua prisão foi injusta, mas mostra que a partir de sua vivência e de suas experiências não poderia sentir outra coisa se não o amor. Ele teve apoio e solidariedade e por isso sente amor, sua atitude diante disso é o fortalecimento desse amor.

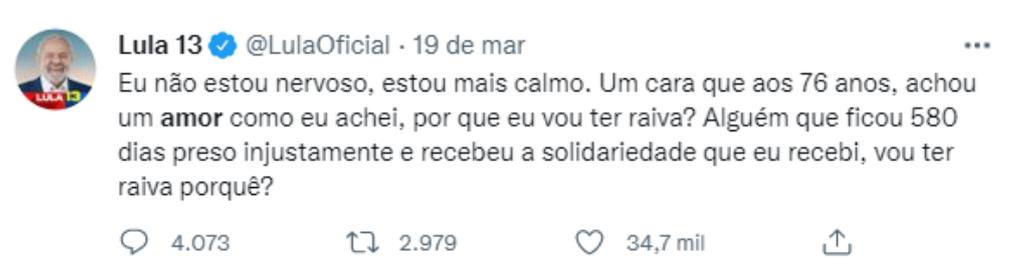


Figura 3

O amor para Lula possui um lugar definido e instrumentalizado. É a partir do amor que seu projeto de governo vai acontecer. Apesar de reconhecer a validade de outras emoções que seriam lidas como negativas e que poderiam afetar alguém que, assim como ele assume, passou por uma injustiça, Lula nunca valida o ódio. Suas maiores crenças e valores tendem para as dicotomias onde o amor constrói e o ódio destrói e as atitudes convocadas são de fortalecimento do amor em detrimento ao ódio. O sentido grudado em Lula é de alguém

injustiçado, mas que já conseguiu trazer a felicidade para o país na forma de emprego, seguridade social e melhores condições de vida por meio do amor. O que Lula quer é a retomada desses dias e o fim do ódio.

3.1.2 Lula e o ódio como instrumentos para desigualdade

No lugar onde em seus *tweets* Lula representa o amor, o representante do ódio é Bolsonaro. Em sua política de amor que cria um modelo de governantes ideais, Bolsonaro está desqualificado uma vez que ele se alimenta do ódio e das fake news, como mostra a Figura 4. Como quem odeia é incapaz de governar, Bolsonaro é incapaz, mas Lula é capaz porque se posiciona como alguém que tem compaixão e opera com amor, o que, na fala de Lula, é a base para ações políticas que visam a igualdade. Como o amor, na visão de Lula, é o instrumento pelo qual se combate desigualdades, uma vez que o instrumento de Bolsonaro é o ódio, pautas como emprego e educação sequer passam por seus discursos, o que existe é uma alimentação do próprio ciclo de ódios e mentiras. E essa não é a única vez que Lula alia o ódio à incapacidade de governar. Em outro *tweet* Lula diz que: “Um presidente não pode ter raiva, ódio ou vingança. Um presidente tem que tratar todos como melhores amigos. E quem for mais necessitado tem que ser tratado com mais prioridade.”⁴, marcando novamente o ódio como um estimulador das desigualdade dentro da política do amor.

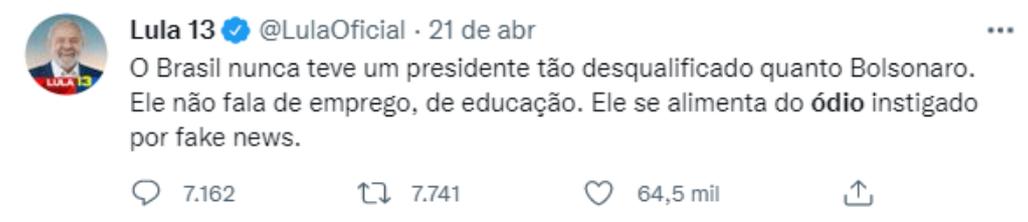


Figura 4

A construção discursiva de Lula é de que o amor como instrumento é capaz de combater desigualdades, mas o ódio também é um instrumento, mas que é usado para criar ainda mais assimetrias. Na Figura 5, Lula atrela o ódio e as mentiras aos resultados econômicos negativos que o Brasil tem oferecido, no entanto também aponta a possibilidade de um quadro diferente que já foi provado por Lula e seus aliados. No entanto, Lula não fala

⁴ Um presidente não pode ter raiva, ódio ou vingança. Um presidente tem que tratar todos como melhores amigos. E quem for mais necessitado tem que ser tratado com mais prioridade. Brasil, 27/07/ 2022. Twitter: @LulaOficial. Disponível em: <https://twitter.com/LulaOficial/status/1552298290204614657>. Acesso em: 09/09/2022

sobre a capacidade de Bolsonaro fazer diferente porque como representante do ódio, os únicos resultados que Bolsonaro poderia alcançar seriam os que já possui, uma vez que sua crença é que o ódio e a mentira chegam às vias de destruir a economia.

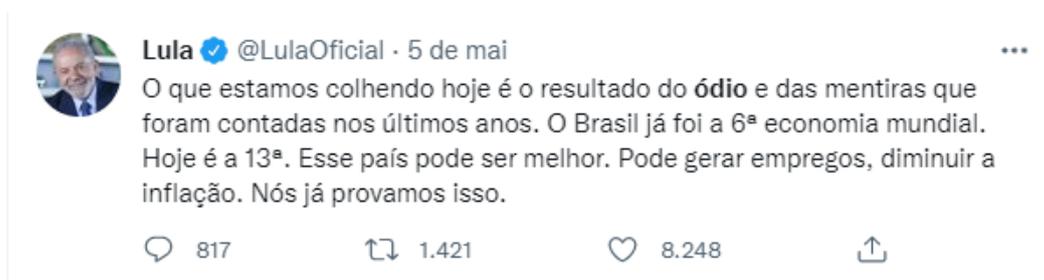


Figura 5

No entanto, apesar de Lula ser o representante do amor e Bolsonaro do ódio, Lula não está sozinho em suas convicções, tampouco Bolsonaro está. Como mostra a Figura 6, Lula entende o ódio como algo maior, não atrelando-o somente a Bolsonaro, mas o personaliza na figura de um grupo menor do que seu próprio grupo. Bolsonaro está do lado dos extremistas de direita, enquanto Lula está do lado de todos os democratas do mundo que acreditam na derrota do ódio e do preconceito. Como mostra na Figura 6 e em outros *tweets*, para Lula o amor não só vai vencer o ódio, como o amor é muito maior do que o ódio e a presente vitória do ódio é episódica. “Onde minha voz não puder ser ouvida, eu falarei pela voz de vocês. Vamos ocupar as ruas e redes. Somos uma ideia, e ninguém pode aprisionar uma ideia. Eles mataram muitas flores, mas não impedirão a primavera. Estamos vivos e fortes. Com amor venceremos o ódio. #BrasilDaEsperança”⁵

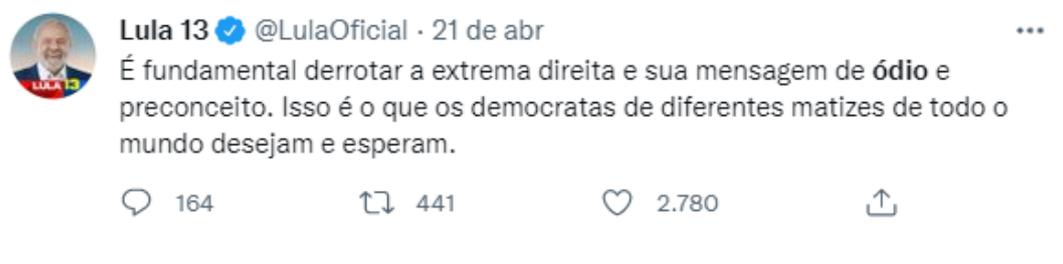


Figura 6

Lula faz algumas outras associações dicotômicas de amor e ódio. Além de emprego *versus* desemprego, comida na mesa *versus* fome, Lula articula verdade e mentira com amor

⁵ Onde minha voz não puder ser ouvida, eu falarei pela voz de vocês. Vamos ocupar as ruas e redes. Somos uma ideia, e ninguém pode aprisionar uma ideia. Eles mataram muitas flores, mas não impedirão a primavera. Estamos vivos e fortes. Com amor venceremos o ódio. #BrasilDaEsperança. Brasil, 16/08/ 2022. Twitter: @LulaOficial. Disponível em: <https://twitter.com/LulaOficial/status/1559374503754571782>. Acesso em: 09/09/2022

e ódio. Com a campanha de Bolsonaro em 2018 sendo marcada pelas fake news, Lula resgata mais de uma vez o amor para falar de verdade, bem como as fake news para falar de ódio. O movimento Dia de Combate às Fake News e ao Ódio foi divulgado mais de uma vez pelo ex-presidente assim como o portal Verdade na Rede, um portal de checagem de fatos. Como mostra a Figura 7, em uma dessas ocorrências Lula usa da investigação do portal para desmentir uma notícia falsa. O gabinete do ódio, que seria um grupo de apoiadores de Bolsonaro articulados para espalhar desinformação, é citado nesse mesmo *tweet*. Esse grupo paralelo é mais um exemplo do ódio instrumentalizado.



Figura 7

Em outro *tweet*, Lula associa ódio e desmatamento, amor e preservação. A partir da *tag* #OdioQueimaAmorPreserva, como mostra a Figura 8, o candidato chama atenção para os desmatamentos que cresceram durante o governo Bolsonaro, enquanto em seus governos o desmatamento por meio das queimadas foi reduzido. Mais uma vez é acionada a crença de que o ódio é uma emoção de destruição enquanto o amor é capaz de proteger e construir. O governo do amor foi capaz de cuidar enquanto o do ódio aumentou o desmatamento. Novamente, o passado é resgatado como prova de que uma política do amor é possível mesmo no presente.



Figura 8

3.1.3 Bolsonaro e o amor submisso

Os *tweets* em que Bolsonaro fala de amor são bem menos numerosos do que os de Lula. Bolsonaro, cujo slogan da tentativa de reeleição é “Ninguém segura esse novo Brasil”, pouco fala de amor em seus *tweets*. Mesmo antes do período eleitoral a emoção não estava entre seus assuntos mais comentados. No entanto, quando fala de amor, o candidato reserva seu papel para a emoção de maneira tão bem definida quanto a de Lula.

O amor de Bolsonaro é principalmente o amor pela pátria, por seus símbolos e pela soberania do país. A bandeira do Brasil seria um desses objetos de amor. Na Figura 9, Bolsonaro mostra cenas de manifestantes incendiando a bandeira brasileira, o que consoa com sua ideia de resgate, o emblema antes era alvo de boicote e precisou ser salvo. Seu *tweet* se opõe à ideia de que aquele é símbolo tomado por ele e aponta a existência de um “outro lado” que o acusa de tal. A bandeira era um símbolo que se perdeu e agora foi resgatada por ele e seus aliados; ela representa a soberania e os valores do povo, e, quem a destrói, destrói a soberania e os valores. A luta que ele se propõe a lutar é para reviver o amor pelo Brasil.

 **Jair M. Bolsonaro** ✓ @jairbolsonaro · 15 de jul ...
- Nossa linda bandeira verde e amarela, que representa, acima de tudo, a soberania e os valores de nosso povo, não foi tomada por "um lado", ela foi RESGATADA. Nós lutamos durante todos esses anos para reviver o amor pelo Brasil, enquanto o "outro lado" seguia destruindo-o.



Figura 9

Em outro *tweet*, Bolsonaro também reforça a ideia de um lado certo e outro errado, um maniqueísmo que, como Stone (2012) mostra, está muito presente nas narrativas fascistas. Na Figura 10, que contém um *tweet* parte de uma série de postagens sobre nazismo, ele exalta o povo brasileiro, mas mais especificamente a instituição familiar como um centro de diversidade, sem explicitar que tipo de diversidade é essa. O amor é outro tipo de amor, não o pela pátria, mas o amor pela liberdade, sendo esse o elemento de todos os brasileiros que impede a ascensão do totalitarismo, com exceção daqueles que desejam o contrário. O que falta naqueles que desejam a tomada de forças pelo totalitarismo é o amor pela liberdade, que unido a qualidades como acolhimento e diversidade dentro da família não permite que ideologias como a nazista adentrem no território.

 **Jair M. Bolsonaro** ✓ @jairbolsonaro ...
- Somos um povo maravilhoso, acolhedor. Repito: em uma família brasileira há mais diversidade do que em qualquer nação no mundo. O Brasil nunca terá solo fértil para o totalitarismo porque o amor pela liberdade corre em nossas veias. Quem deseja o contrário está do lado errado.
8:19 PM · 9 de fev de 2022 · Twitter for iPhone

Figura 10

Em outro *tweet* que fala sobre amor, Figura 11, Bolsonaro usa do amor que recebeu de sua mãe para argumentar quanto à validade do aborto. Sua lógica é que existe uma ligação entre bebês prematuros e fetos abortados, sendo os bebês que nasceram prematuramente fontes de alegria e vida comprovada. O que prova essa existência da vida — dos bebês e dos fetos — é o amor que recebeu de sua própria mãe. Novamente a família é invocada, a que se alegra ao receber os bebês recém-nascidos e a figura de sua própria mãe. O amor familiar seria a condição que atestaria vida não só aos bebês prematuros.

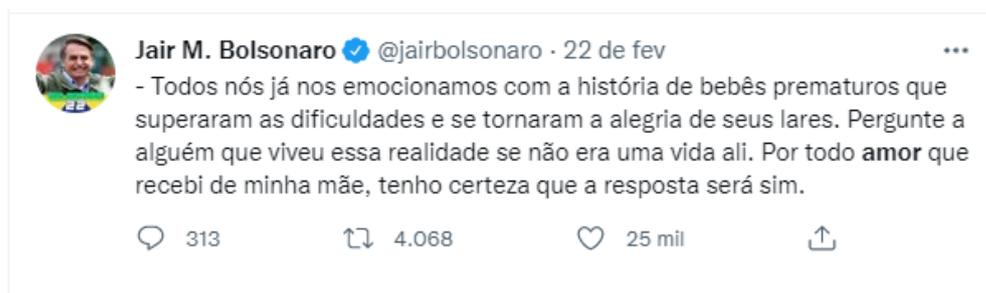


Figura 11

Diferente de Lula, Bolsonaro não se apresenta como representante de um movimento de amor, de uma política de amor ou sequer como alguém que ama. Bolsonaro aponta o amor, sem reivindicá-lo, fazendo a representação daqueles que possuem amores específicos e em moldes específicos. Bolsonaro representa quem ama a liberdade, quem ama a pátria, a bandeira, quem ama os bebês prematuros e os fetos, mas não se compromete ele mesmo a amar. Os sentidos grudados em Bolsonaro são os de aliança a quem ama, a quem preza pela liberdade. O amor para Bolsonaro não se apresenta como arma para combater o ódio, mas como uma característica presente em determinados grupos e um gesto de submissão à pátria, à família e à liberdade.

3.1.4 Bolsonaro e o ódio hipócrita

Durante o período observado, Bolsonaro só fala uma vez sobre ódio. A Figura 12 mostra o *tweet* em que Bolsonaro compartilha um vídeo de uma manifestação que aconteceu em uma igreja. A crença dominante é que a esquerda pensa que voltará ao poder e se sente confortável para desrespeitar o que há de mais sagrado, Deus e os cristãos. Existe um sentido de desmascarar, de contar a verdade. Para Bolsonaro, a esquerda esconde sua verdadeira face odiosa. A base de seu argumento não é se defender das acusações de ódio, mas apontar a hipocrisia de uma esquerda que também odeia. Diferente de Lula, que enxerga no presidente

e seus apoiadores o ódio escancarado, Bolsonaro reconhece que a esquerda não mostra de fato o ódio que sente e que se manifesta na forma de desrespeito a Deus, os cristãos e seus valores.



Figura 12

A esquerda é tida como marginal, desrespeitosa e carrega o ódio que verdadeiramente sente. No vídeo ela promulga o caos que é denunciado por Bolsonaro que, novamente, não se insere no grupo defendido, mas sai em sua defesa. É uma narrativa muito parecida com a exposta por Stone: “de acordo com os fascistas, no lugar em que eles ofereciam proteção, estabilidade e significado à nação, a esquerda promulgou o caos” (Stone, 2012, p. 74).

3.2 ANÁLISE - DISCURSO DA AUDIÊNCIA

3.2.1 Lula e o amor em seu limite

Ao analisarmos os *tweets* dos candidatos, alguns padrões foram compreendidos, ao analisar os *tweets* feito pela audiência — eleitores, apoiadores políticos e adversários — é possível perceber continuidades e rupturas desses padrões. Também foi possível observar novos padrões, uma vez que não se trata da comunicação oficial dos candidatos e assim, outros sentidos são atribuídos ao amor e ao ódio na corrida presidencial.

No material analisado, a narrativa de Lula como representante do amor, de sentimentos bons e da justiça social, é ecoada por parte de sua audiência. Para eles, o candidato é quem simboliza tudo aquilo que Bolsonaro não é, e tudo aquilo que pode derrotar Bolsonaro, como mostra a Figura 13. Fica claro que, assim como Ahmed (2014) explica ao falar sobre inexistência de aspectos essenciais para as emoções ao falar sobre amor e ódio, não existe em Lula uma condição intrinsecamente amável; o que dá a ele essa identidade é o encontro afetivo com sua audiência. Lula é amável e representante do amor pois, diferente dos outros candidatos, seus atos são lidos como amorosos, principalmente em oposição aos de Bolsonaro.

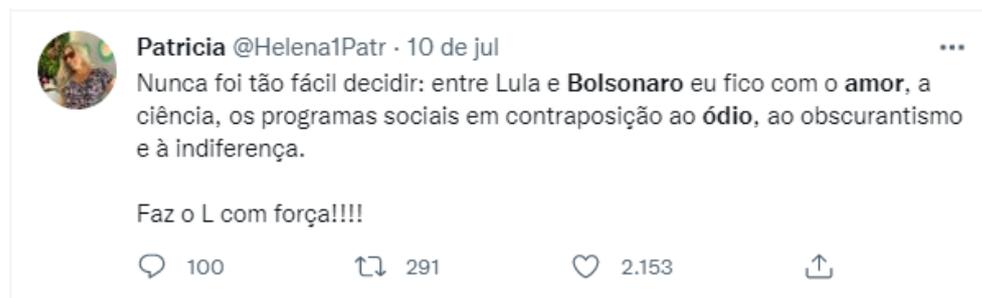


Figura 13

Existe também o reforço da ideia de amor como instrumento de políticas públicas. O senador Rogério Carvalho compartilhou em seu perfil um *tweet* com um vídeo da campanha de Lula, como mostra a Figura 14. Nesse vídeo, a tela é dividida ao meio, e de um lado há cenas de miséria e do outro fartura — um prato velho e vazio e do outro um novo com variedade de alimentos, em que o último deles a ser posto é a carne, um alimento que passou a ser considerado item de luxo no governo Bolsonaro. E o vídeo segue por um minuto e 28 segundos com diversas comparações como um homem branco com raiva e uma mulher branca usando máscara num contexto de pandemia para representar a escolha entre o que maltrata e o que defende. Ao final de todas as comparações, a voz feminina ao som da versão instrumental da música cristã “Oração Pela Paz” faz a pergunta “que Brasil você quer?” e as alternativas novamente são opostas em ódio e amor, sendo o ódio representado pela mão em formato de arma e o amor pela mão posicionada em formato de L. A dicotomia é clara, o Brasil de Bolsonaro é o Brasil das armas, do individualismo, do ódio e da fome, enquanto o Brasil de Lula é o Brasil da esperança, do amor e da fartura.

Ao final do vídeo, a letra da música é cantada especificamente na parte “onde houver ódio que eu leve o amor” enquanto imagens de Lula cercado de eleitores aparecerem, junto com a chamada do slogan oficial da campanha “Vamos Juntos Pelo Brasil”. O vídeo é uma

peça oficial do Partido dos Trabalhadores pela campanha de Lula, mas foi compartilhado pelo Senador e por milhares de eleitores que acreditam nesta ideia do amor como aquilo que é capaz de trazer melhorias sociais. Como resposta, o vídeo recebeu outros *tweets* como: “Não é uma escolha difícil”, “Lula sou eu, Lula é a gente.” e “O lado do amor!! Eu sou Lula.”



Figura 14

Esse amor inclusive aparece como o amor que é sentido, não apenas representado. Em um dos *tweets* de apoiadores, o militante diz: “Lula e foda pra caralho. E eu não duvido nem um pouco do amor que ele sente por nois. Eu faria diferente? Lógico! Agora eu só faria diferente por que tenho parâmetro nele e em sua trajetória.”⁶. O eleitor fala que não duvida do amor que Lula sente por um “nós”, apesar de reconhecer falhas em sua estratégia. O contexto em que isso se dá é do debate dos candidatos à presidência em 29 de agosto na Band. A fala de Lula foi vista por muitos como apaziguadora e não firme o suficiente, como

⁶ “Lula e foda pra caralho. E eu não duvido nem um pouco do amor que ele sente por nois. Eu faria diferente? Lógico! Agora eu só faria diferente por que tenho parâmetro nele e em sua trajetória.” Brasil, 29 de ago de 2022. Twitter: @galodeluta. Disponível em: <<https://twitter.com/galodeluta/status/1564141667573268480>>. Acesso em 16/11/2022

será mostrado a seguir. Apesar disso, seu eleitor só diz que faria diferente porque conhece e se inspira na própria trajetória de Lula. Novamente, existe uma crença de que Lula é amor não porque diz ser, mas porque seus atos, através de sua carreira política, mostram amor.

No entanto, nesse mesmo debate diversos apoiadores reverberaram uma mesma crença: a de que Lula foi amor demais. Se em sua comunicação oficial Lula mostra o amor como aquilo que é capaz de derrotar não só Bolsonaro, mas o facismo, o negacionismo e a mentira, seus eleitores colocam pontos de interrogação na força do amor única e exclusivamente. Para esses eleitores, o amor seria parte de uma ausência de combatividade e o que se estabelece é uma relação em que pregar o amor é uma atitude de passividade. A Figura 14 mostra o que foi dito por vários outros eleitores, no mesmo debate de 29 de agosto onde, para eles, Lula mostrou seu lado “paz e amor” mais do que o necessário.

“Lulinha paz e amor” foi como Lula foi chamado nas eleições de 2002, quando sua estratégia de comunicação tentou afastá-lo de outra imagem, a de “sapo barbudo socialista”, e passou a mostrar Lula como alguém mais comedido e menos radical, como analisam Santos e Romualdo (2012). A crença de seus eleitores é que essa imagem de “Lulinha paz e amor” que venceu as eleições de 2002, não é boa o suficiente para 2022. O que mostra aquilo que a campanha de Lula não mostra, a existência de um limite para a prática de uma política do amor.

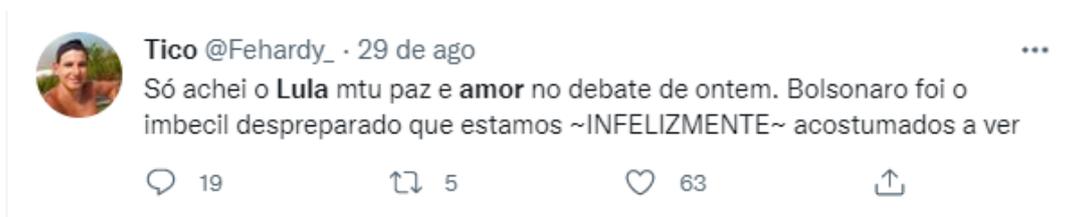


Figura 15

Curiosamente, nesse mesmo debate em que seus apoiadores acharam que Lula estava “paz e amor demais”, opositores viram em Lula alguém agressivo. O *tweet* da chefe sucursal do jornal Estadão em Brasília é uma amostra disso: “O q ocorreu com Lula no debate é resultado da opção do petista de só falar para ambientes controlados E do salto alto que vestiu com o sucesso do JN Em duas horas a imagem paz e amor foi p/ o espaço. Estava agressivo e reforçou o gov kinder ovo. Se eleito ele conta o que fará”⁷. O princípio que gera essa

⁷ “O q ocorreu com Lula no debate é resultado da opção do petista de só falar para ambientes controlados E do salto alto que vestiu com o sucesso do JN

Em duas horas a imagem paz e amor foi p/ o espaço. Estava agressivo e reforçou o gov kinder ovo. Se eleito ele conta o que fará”. Brasil, 29 de ago de 2022. Twitter: @andrezamatais. Disponível em:

discrepância de leituras vem justamente do que explica o motivo pelo qual Lula é lido como amoroso por seus apoiadores. Como explicam Lutz e Abu-Lughod (1990), as emoções, como um produto cultural e não uma questão biológica, podem ser estimuladas, mas a leitura que se tem delas vai depender do próprio contexto. Assim, onde eleitores de Lula enxergariam amor — até em exagero —, seus opositores veriam outras emoções, provavelmente com leituras negativas sobre elas.

Existe também uma outra leitura de contexto por parte de quem está mais alinhado aos apoiadores de Lula do que aos seus opositores, mas que não compartilha da crença do ex-presidente. Apesar de não falar explicitamente o nome do ex-presidente, o *tweet* cita seu lema de campanha. Nessa forma de enxergar os fatos, o amor não seria a ferramenta correta para combater o ódio de Bolsonaro, como mostra a Figura 16. Essa não é uma posição desprovida de suporte teórico, Ahmed, (2014) também não enxerga o amor como uma ferramenta única capaz de desafiar relações de poder. É inclusive o amor, como já foi explicitado, que pode apoiar o cerceamento de identidade em alguns corpos. A atitude não é necessariamente de fortalecimento do ódio, mas a crença mobilizada é de que o amor não tem o poder necessário contra o ódio, e colocá-los como opostos seria um pensamento infantil, inocente e que estaria desconsiderando o poder do ódio e superestimando o poder do amor. Essa é uma postura contrária a Bolsonaro, mas que não enxerga nas posições de Lula capacidade de combate.

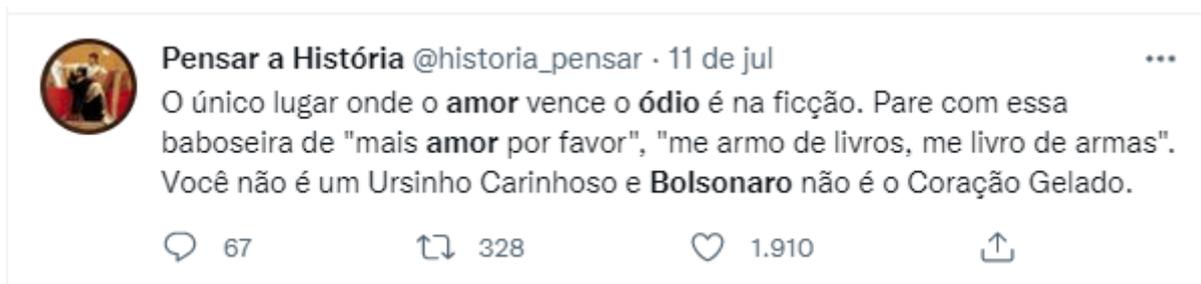


Figura 16

Por fim, existe o posicionamento daqueles que são contra Lula e entendem que ele, na verdade, representa uma posição anti-amor. O *tweet* de Leonardo Dias, vereador por Maceió e a Figura 17, mostra isso. Ele diz: “O @LulaOficial passa o dia no Twitter falando de amor pelo simples fato de não poder sair às ruas, sentir o quanto é odiado”; a crença é de que existe uma diferença entre o discurso do amor nas redes sociais e a experiência na rua, sendo a

<https://twitter.com/andrezamatais/status/1564265884381859842>. Acesso em 16/11/2022.

primeira falsa e a segunda, de fato, a verdadeira. Lula não seria amado, ou representante do amor porque nas ruas, onde sua popularidade seria posta à prova, a verdadeira emoção sentida seria o ódio. Já a Figura 17 é uma correção ao *tweet* feito pelo próprio Lula que diz: “Temos um adversário que representa o anti-amor, o anti-desenvolvimento. Que representa a ignorância, a violência, o fascismo. Mas o Brasil não nasceu para isso.”⁸, o *tweet* coloca tudo aquilo que Lula usou para caracterizar Bolsonaro como, na verdade, propriedades de Lula.



Figura 17

Lula representa o fascismo, o anti-amor, a pobreza e a violência, enquanto Bolsonaro seria quem apareceu e parou o processo. A crença é no movimento inverso de Lula, enquanto há um juízo de valor negativo de tudo aquilo que o ex-presidente representaria. Nesse *tweet*, o sentido para onde a narrativa se desloca coloca Bolsonaro como representante do amor, do progresso e do antifascismo. Ao mesmo tempo, o *tweet* “gruda” a imagem de Lula à criminalidade representada por jovens pretos com armas nas mãos e remonta o sentido pegajoso do favelado, aquele que mora na favela (como a imagem marca ao explicitar Belford Roxo, como espaço onde a cena acontece) e está ligado ao crime. Os dois sentidos então só ligados. Lula é parte da organização criminoso tanto quanto os jovens são.

⁸ “Substituição automática: Sou um adversário perfeito represento o anti-amor, o anti-desenvolvimento. Quero continuar com a ignorância, a violência, o fascismo, a pobreza, a corrupção e a violência. Mas no Brasil apareceu o MITO e não quer deixar eu fazer isso.”. Brasil, 10 de mai de 2022. Twitter: @AspasDireita. Disponível em: <<https://twitter.com/AspasDireita/status/1523980091658756098>>. Acesso em 16/11/2022

3.2.2 Lula e o ódio solicitado pela audiência

Sobre o ódio, entre os internautas, dois são os principais posicionamentos quanto à figura de Lula: ele é quem combate o ódio e por isso sofre ou, como já foi dito, nele existe a falta de ódio. No entanto, Lula não aparece de forma recorrente como representante do ódio para os bolsonaristas. Lula aparece como representação do ódio para os eleitores de um terceiro candidato, Ciro Gomes.

O primeiro é um dos usos do ódio que mais aparece. A Figura 18 mostra um posicionamento comum entre os apoiadores de Lula. A crença de que o ex-presidente trouxe melhorias e isso gera ódio na elite. O valor compartilhado é que a elite quer manter as desigualdades à medida que continua usufruindo não só de privilégios, mas da completa disparidade entre as classes. A elite não só come bem enquanto os pobres passam fome, mas também desperdiça enquanto outros não têm o que comer. O sentido grudado no ex-presidente é de alguém que é vítima do ódio justamente por diminuir as desigualdades.



Figura 18

O vídeo é parte do Encontro de Lula com as Mulheres da Periferia, organizado em São Paulo, a fala é de uma eleitora presente nesse momento, mas foi compartilhada por muitos. Durante o vídeo, mulheres se aproximam do ex-presidente com dois carrinhos de supermercado, um cheio que representa seu poder de compra durante o governo Lula e um vazio representando a fome do governo Bolsonaro. Todas as histórias compartilhadas são tristes e viscerais. Entre as falas estão “não estou mais aguentando, não estamos mais

aguentando”, “a fome dói. E como a fome dói”, mas quem sofre não são só aqueles que passam fome, mas o próprio presidente que os tirou dessa condição.

E o sofrimento de Lula ao ter contato com o ódio é justamente um dos motivos pelos quais sua eleição deve acontecer logo no primeiro turno, como aponta o *tweet*: “É preciso proteger nosso tesouro e não deixar Lula frequentar esses ambientes carregados de ódio, misoginia, machismo e negatividade. LULA NAO PRECISA DISSO! #LulaNo1ºTurno”⁹. O sentido atribuído a Lula é de alguém precioso que não merece ter contato com pautas negativas, por isso a atitude incentivada é da vitória no primeiro turno.

E se Lula é odiado por Bolsonaro e aqueles que o seguem, quem se alia, de qualquer forma, a Bolsonaro também aparece como representante do ódio. Apesar de Ciro Gomes se colocar como uma opção à parte de Bolsonaro e Lula, representante de uma terceira via, ao criticar Lula, Ciro se torna uma linha auxiliar do bolsonarismo, como mostra a Figura 19. Novamente a figura do gabinete do ódio, uma organização paralela de instrumentação do ódio, é invocada. O ódio ainda se materializa em Bolsonaro, é o cumprimento dele que repercute, mas se expande em Ciro, transformando-o em linha auxiliar do Bolsonarismo. Como explica Kolnai (1935), a própria lógica do âmbito político fornece maneiras para que o ódio entre políticos cresça, e Ciro Gomes aparece como um desses odiadores. O contrário também é válido. Diferente do que poderia se esperar, não foram os Bolsonaristas que mais acusaram Lula de ser um representante do ódio, Lula é descrito pelo ciristas como tomado por ódio por Ciro Gomes. “O Lula tá tão tomando de ódio, que acabou de mentir falando que o Ciro não votou no Haddad em 2018. Mentira, Ciro estava em Portugal, voltou e votou no 2 turno no Haddad. Lula totalmente destemperado nesse debate. #CiroNaBand #DebateNaBand”¹⁰.

9 “É preciso proteger nosso tesouro e não deixar Lula frequentar esses ambientes carregados de ódio, misoginia, machismo e negatividade. LULA NAO PRECISA DISSO! #LulaNo1ºTurno”. Brasil, 29 de ago de 2022. Twitter: @seontasa. Disponível em: <<https://twitter.com/seontasa/status/1564212796165963776>>. Acesso em 16/11/2022

10 “O Lula tá tão tomando de ódio, que acabou de mentir falando que o Ciro não votou no Haddad em 2018. Mentira, Ciro estava em Portugal, voltou e votou no 2 turno no Haddad. Lula totalmente destemperado nesse debate. #CiroNaBand #DebateNaBand”. Brasil, 29 de ago. de 2022. Twtter: @cirosaopaulino. Disponível em: <<https://twitter.com/cirosaopaulino/status/1564061456370438144>>. Acesso em 16/11/2022



Figura 19

Assim como na seção anterior, diferente do que a campanha de Lula prega, o amor foi desconsiderado como arma capaz de derrotar o ódio. Aqui o ódio é aquilo que se deseja de Lula. Enquanto o candidato preza por deixar claro sua posição anti-ódio, contra a vingança e a raiva, uma parte do seu eleitorado enxerga justamente no ódio uma arma em potencial. A atitude é de fortalecimento do ódio em detrimento do amor, como mostra a Figura 20, e a crença é que o ódio pode gerar mudanças. Em outro *tweet*, uma segunda eleitora diz: “Isso, Lula, ódio! Eu quero ódio!”¹¹, um terceiro post aponta: “Faltou debater tanta pauta de interesse social que os 280 caracteres disponíveis em um tweet não dariam conta de mencionar o que faltou. Espero que o candidato da maioria venha com mais vontade de levar essas eleições no primeiro turno já no próximo debate. Te falta ódio, Lula.”¹². Apesar de parecer uma linha de raciocínio coerente, se uma política do amor não pode vencer então uma política do ódio pode, o ódio pressupõe sempre a destruição do objeto odiado, mesmo que não o assassinato. Como explicita Kolnai (1935), o ódio carrega quem odeia para um ciclo de desejo ilimitado pela aniquilação do outro. Alguns exemplos onde essa política se manteve foi durante os regimes fascista e nazista.

11 “Isso Lula, ódio! Eu quero ódio!”. Brasil, 28 de ago de 2022. Twitter: @cristienLorenzo. Disponível em: <<https://twitter.com/cristienLorenzo/status/1564069929715900417>>. Acesso em 16/11/2022

12“Faltou debater tanta pauta de interesse social que os 280 caracteres disponíveis em um tweet não dariam conta de mencionar o que faltou. Espero que o candidato da maioria venha com mais vontade de levar essas eleições no primeiro turno já no próximo debate. Te falta ódio, Lula.”. Brasil, 29 de ago de 2022. Disponível em: <https://twitter.com/ayira_/status/1564088224708001792>. Acesso em 16/11/2022



Figura 20

3.2.3 Bolsonaro como vítima e ator do ódio

Bolsonaro foi aliado ao ódio em dois sentidos, como aquele que odeia, mas também como quem sofre com o ódio e assim é odiado. Essa seção se dedica a explicar essas ocorrências. A primeira aparece principalmente ligada a minorias sociais, como é o caso da Figura 21, o contexto é um momento em que Bolsonaro manda a vice-governadora de Santa Catarina se afastar dele para que ele possa discursar. A cena repercutiu como um desrespeito às mulheres por parte de Bolsonaro.

Esse ódio às minorias sociais é um formato que Kolnai (1935) chama de ódio moderno, em que mulheres, pretos, LGBTQs e indígenas são odiadas por um suposto perigo que oferecem a um projeto de vida. Esse é inclusive o motivo pelo qual Bolsonaro, na concepção dos bolsonaristas, sofre com o ódio, porque ele estaria defendendo esse projeto de vida. A mulher é odiada porque seu lugar é dentro do lar, assim como os LGBTQIA+ são odiados porque sua vivência é proibida e a única experiência válida é a heterossexual.

No *tweet* em específico o amor cristão é invocado, a crença é de que o cristão ama a todos igualmente e Bolsonaro, por não amar, não seria cristão. E essa não é a única vez que Bolsonaro é apontado como odiador das minorias. No *tweet* de uma eleitora em 29 de agosto, ela diz: “BOLSONARO ODEIA MULHERES BOLSONARO ODEIA POBRES BOLSONARO ODEIA LGBTQIA+ BOLSONARO ODEIA INDÍGENAS BOLSONARO ODEIA NEGROS BOLSONARO ODEIA O PT BOLSONARO ODEIA PRESERVAÇÃO

BOLSONARO ODEIA CULTURA BOLSONARO ODEIA TRABALHAR BOLSONARO É O ÓDIO PERSONIFICADO #LulaPresidente13”, onde o presidente representa alguém que odeia não só minorias, mas conceitos fundamentais à democracia como a cultura e a preservação. A essência fundamental de Bolsonaro seria o ódio onde ele representa tudo que há de ruim como o preconceito, o subdesenvolvimento e o retrocesso.

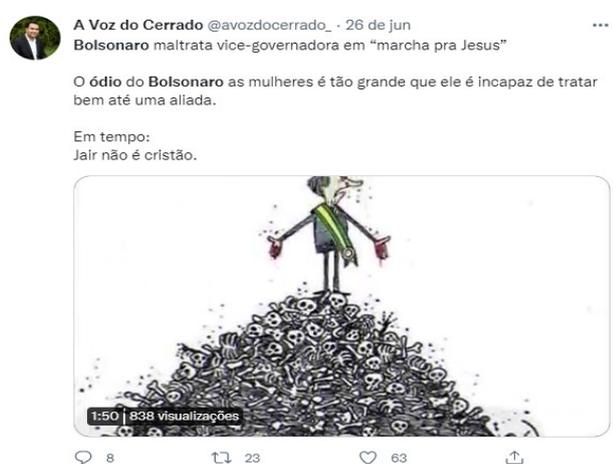


Figura 21

Essa narrativa é comum e apontada pelo próprio Lula e seus apoiadores, como mostram as seções anteriores. O Partido dos Trabalhadores fez *tweets* nesse sentido, como a postagem de 24 de julho ¹³ “Bolsonaro incita o ódio na população, incentiva a violência e o uso de armas... Não dá pra continuar assim, o Brasil precisa voltar a ser símbolo de amor e esperança!”. Os sentidos grudados em Bolsonaro são os da violência, enquanto os valores exaltados são a paz. Ao ligar a imagem de Bolsonaro às armas para falar de ódio, o sentido odioso fica ainda mais forte; mesmo quando o fim não é necessariamente o assassinato, o ódio pressupõe a aniquilação e no caso de Bolsonaro, a aniquilação é literal. A crença é que o Brasil já foi um país de amor e esperança, por isso o que é necessário é uma retomada desses sentimentos.

Por outro lado, outra articulação do conceito de ódio aliado à imagem de Bolsonaro é justamente a contrária. Bolsonaro estaria, na verdade, protegendo o Brasil do ódio. O ódio é específico, se odeia os valores cristãos, como mostra a Figura 23. A imagem linkada é da Marcha da Família Com Deus Pela Liberdade, protesto direitista que aconteceu em 1964 contra uma suposta ameaça comunista. O *tweet* diz que desde o ano dessa marcha, em que a ¹³ “Bolsonaro incita o ódio na população, incentiva a violência e o uso de armas... Não dá pra continuar assim, o Brasil precisa voltar a ser símbolo de amor e esperança!”. Brasil, 24 de jun de 2022. Twitter: @ptbrasil. Disponível em: <<https://twitter.com/ptbrasil/status/1540273526678118400>>. Acesso em 16/11/2022

ditadura militar foi instaurada, a esquerda não era tão repudiada. A grande melhoria que ocorreu foi o governo de Bolsonaro. Acredita-se que existe um movimento contrário a essas melhorias que são baseadas em valores cristãos, mas é Bolsonaro que traz de volta essa moral. O sentido grudado em Bolsonaro é de alguém nacionalista preocupado com a economia e a família cristã. As semelhanças discursivas são diversas com as descritas por Stone (2012) ao investigar o fascismo italiano onde o principal motivo para temer o inimigo soviético era seu ódio à igreja, a Deus e a Cristo.



Figura 23

Mas Bolsonaro não é somente alguém que defende a família cristã brasileira do ódio, diferente do seu próprio discurso, Bolsonaro também é vítima do ódio. No ocorrido do debate de 29 de agosto, onde ele teria chamado a jornalista Vera Magalhães de “vergonha do jornalismo”, bem como a candidata Simone Tebet de “vergonha do senado”. Mas como mostra a Figura 23, para os bolsonaristas, o que pareceu foi o contrário. Bolsonaro foi vítima de um ataque de ódio da jornalista. Sentidos distintos são grudados em ambos os personagens do fato. Vera é desajustada (uma “maloqueira” em meio a um debate para presidente) e destilou ódio enquanto Bolsonaro não só é uma vítima, mas ainda foi comedido em sua resposta.

Foi criada também a narrativa de que Vera estaria sendo paga para odiar Bolsonaro, como mostra o *tweet* de um perfil Bolsonarista: “Vera Magalhães recebe 500K pelo contrato da Fundação Padre Anchieta , que recebe do estado de SP o que explica tanto ódio assim, só pra bater no Presidente Bolsonaro. Vc paga!”¹⁴, Bolsonaro não seria odiado por sua conduta ou por suas ações, mas por um conchavo político pago. Novamente, a imagem de um

¹⁴ “Vera Magalhães recebe 500K pelo contrato da Fundação Padre Anchieta , que recebe do estado de SP o que explica tanto ódio assim, só pra bater no Presidente Bolsonaro. Vc paga!”. Brasil, 29 de ago. de 2022. Twitter: @karlakcharla. Disponível em: < <https://twitter.com/karlakcharla/status/1564351583126781960>>. Acesso em 16/11/2022

Bolsonaro injustiçado e vitimizado por seus inimigos aparece juntamente com a crença em uma articulação política para prejudicá-lo.

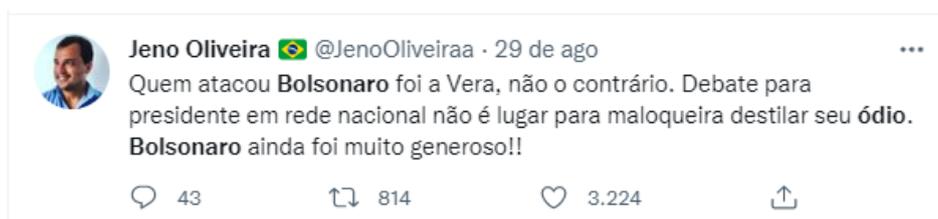


Figura 24

Seu filho e Senador Flávio Bolsonaro, compartilha dessa ideia de que Bolsonaro é vítima do ódio, e não odiador, ao falar da saúde do pai no *tweet*: “Graças a Deus meu pai passa bem! Cada vez que ele passa por isso é impossível não se indignar com a mentira de que Bolsonaro tem discurso de ódio, quando na verdade ele é a vítima do ódio de um ex-militante do Psol e de mal amados hipócritas desejando sua morte.”¹⁵. Bolsonaro em janeiro passou por uma bateria de exames e procedimentos médicos em decorrência da facada que levou em 2018.

Flávio não cita o nome do agressor, mas cita sua orientação política, é um ex-militante do Psol, e o coloca no meio dos hipócritas mal-amados que desejam a morte do pai. A crença presente no *tweet* é de uma tentativa por parte dos mal-amados de dizer que Bolsonaro espalha ódio, quando na verdade ele é vítima do ódio que é sentido especificamente por hipócritas. O hipócrita de quem Flávio fala pode ser a esquerda, já que existe a marcação do partido ao qual o agressor de seu pai era filiado, mas o que fica claro é a posição desses hipócritas. Shklar (1984) chama atenção para um tipo específico de hipócrita que combina com a definição que o Senador dá para quem critica Bolsonaro. O hipócrita moral é aquele que finge sua moral quando na verdade seu caráter e suas intenções são tão censuráveis quanto aqueles que ele critica.

Flávio faz uma defesa a Bolsonaro, na qual ele na verdade é a vítima, mas o sentido que tenta grudar na esquerda é de que seus atos são piores do que os do presidente da república. E a hipocrisia é apontada mais de uma vez, como mostra a Figura 25. Bolsonaro, que seria o representante do ódio, aparece morto numa encenação. O *tweet* não tenta mostrar

¹⁵ “Graças a Deus meu pai passa bem! Cada vez que ele passa por isso é impossível não se indignar com a mentira de que Bolsonaro tem discurso de ódio, quando na verdade ele é a vítima do ódio de um ex-militante do Psol e de mal amados hipócritas desejando sua morte. ”. Brasil, 3 de jan de 2022. Twitter: @FlavioBolsonaro. Disponível em: <<https://twitter.com/FlavioBolsonaro/status/1478010630951026689>>

como Bolsonaro não se alinha ao ódio, a denúncia é unicamente sobre como quem prega o amor também estaria, na verdade, espalhando o ódio ao atacar o presidente.



Figura 25

Por fim, a Figura 26 chama a atenção pelo seu conteúdo, mas também por sua constância. O *tweet* aparece repetidamente em mais de um perfil, o que mostra que não se trata de uma postagem orgânica, mas sim planejada para ser disparada em massa. No entanto, em termos de articulação das emoções, o mais interessante é o modo como elas aparecem unidas.

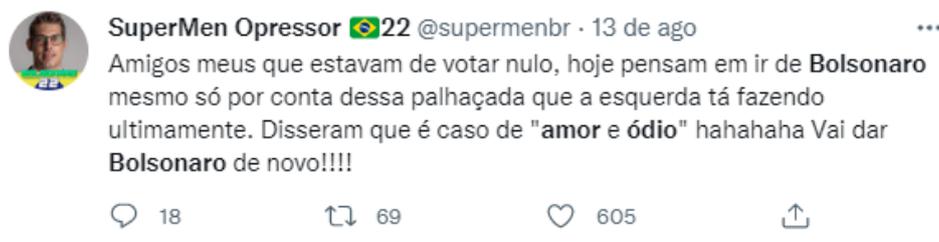


Figura 26

Sem especificar quais seriam as “palhaçadas” ou quem faria parte da “esquerda”, o *tweet* promove uma crença genérica: Bolsonaro é a única opção diante do que a esquerda vem fazendo. Como apontado no capítulo de referencial teórico, o amor e ódio são emoções que operam de maneiras distintas, podendo até existir em sucessão, mas com lógicas diferentes tanto para quem sente quanto para quem é objeto do sentimento. O que chama a atenção nessa postagem é que ela cria a possibilidade de Bolsonaro ser um caso de amor e ódio ao mesmo tempo. No entanto, amar Bolsonaro enquanto o odeia seria uma tarefa quase impossível porque “os objetos de amor podem ser encontrados e assumidos quase “à vontade”; os objetos de ódio devem (essencialmente) situar-se em relação ao sujeito em uma

relação de inimizade fundamentada.” (Kolnai, 1935, p. 21). A grande questão reside no fato da impossibilidade de se votar em alguém que se odeia, cuja existência no mundo, como é o princípio do ódio, é insuportável porque não há lugar para odiado e odiador nele. Mas ao criar essa narrativa, o *tweet* insinua que há sim essa possibilidade de voto em alguém cuja existência por si só é um castigo para quem odeia. Não se trata de uma tentativa de defender ou propor seus valores. A intenção é reforçar a ideia de um inimigo que seja maior do que qualquer outro. Mesmo que Bolsonaro não seja bom, o Lula e o PT são a essência do mal. Se o amor tem limites políticos, o ódio também. Uma política do ódio não precisa de projeto, plano ou proposta, basta se opor a um "outro odioso" que se apresenta como mal maior.

3.2.4 Bolsonaro como representante do amor

O amor para Bolsonaro aparece com maior constância de duas formas: o amor a Deus e o amor à pátria. O sentido grudado no presidente, como mostra a Figura 27, é de um homem único, um verdadeiro messias que trouxe de volta para o país elementos que estavam perdidos. Bolsonaro não é um representante do amor, ele é o herói do amor à pátria porque este estava perdido juntamente com o amor à Deus e os valores familiares. Os valores presentes na narrativa são principalmente o patriotismo, onde reside o grande triunfo de Bolsonaro.

Falando no que o eleitor chama de “a voz do povo”, Bolsonaro conseguiu trazer de volta o orgulho de ser brasileiro, o elogio de quem jamais tinha exaltado nenhum outro presidente. Para os bolsonaristas, Bolsonaro é um homem fora da curva, um homem do povo que leva o orgulho de ser brasileiro. E essa ideia messiânica de Bolsonaro não fica apenas nos *tweets* de seus eleitores, apoiadores políticos compartilham da mesma crença, como é o caso do *tweet* de Onyx Lorenzoni: “O que nos difere da esquerda e como a coragem de Jair Bolsonaro transformou o Brasil e trouxe de volta o amor à Pátria. Trecho da minha participação ontem no Caminho da Liberdade. Integra no canal do @bolsonarosp”¹⁶. O candidato a deputado federal dá nome aos outros, esses são a esquerda que jamais teve coragem de transformar o Brasil, diferente de Bolsonaro que transformou trazendo o amor à

¹⁶ “O que nos difere da esquerda e como a coragem de Jair Bolsonaro transformou o Brasil e trouxe de volta o amor à Pátria. Trecho da minha participação ontem no Caminho da Liberdade. Integra no canal do @bolsonarosp”. Brasil, 16 de mai de 2022. Twitter: @onyxlorenzoni. Disponível em: <<https://twitter.com/onyxlorenzoni/status/1526308039221026825>>

pátria. Essa articulação “eles e nós” atribui sentidos opostos a Bolsonaro e à esquerda. Bolsonaro seria o corajoso enquanto a esquerda é covarde. A atitude seria a convocação para saber mais sobre os feitos de Bolsonaro assistindo a participação de Onyx que faz uma tentativa de unir sua própria imagem à do presidente, ao convocar os internautas para verem o vídeo em seu canal.



Figura 27

E essa não é a única tentativa de grudar em outras pessoas o amor à pátria que é grudado em Bolsonaro, esse amor não está presente somente nele, mas em todos que o cercam. Como mostra o *tweet* de Carla Zambelli, Michele Bolsonaro e Damares, a primeira dama e a ministra, respectivamente, também compartilham desses amores enquanto partilham valores de amor à pátria e amor a Deus.

Apesar de o hino nacional ser um símbolo do patriotismo e estar sendo entoado longe das terras brasileiras, ele está sendo cantado em uma terra santa, no mar onde a tradição cristã diz que Jesus Cristo andou. Esse momento em que ambas estão dentro de um iate cantando o hino brasileiro seria parte do legado de amor e ajuda aos menos favorecidos que Damares e Michelle sentem e fazem. Diferente de Lula, que ao falar dos pobres mostra os pobres, a estratégia emocional dos direitistas liga os brasileiros ao clã Bolsonaro pelo patriotismo e símbolos religiosos. Michelle e Damares são representantes da agenda cristã de Bolsonaro e se tornam braços do seu amor à pátria e seu temor à Deus.



Figura 28

O amor de Bolsonaro também é aliado a outros valores, como é o caso da Figura 29. Como Bolsonaro governa com amor, especificamente o amor pelo Brasil, a verdade e a sinceridade estão ao seu lado como consequências do amor. Assim, mesmo os erros que cometeu não foram propositais e apesar de uma aparente aceitação de críticas, o povo sabe que na verdade o que importa é o amor, não os erros e os atos não propositais.



Figura 29

A narrativa produzida é de um Bolsonaro que ama, seu amor não o impede de cometer alguns erros, mas nenhum desses é feito deliberadamente. Seu amor é tão sincero e verdadeiro que o eleitorado pode vê-lo, mesmo que suas ações falem diferente. O que importa não é o que ele diz ou faz, mas o que ele sente e os brasileiros, por sua autenticidade, conseguem acessar esses sentimentos.

A principal atitude proposta é de aceitação e reconhecimento do amor. Bolsonaro é um homem justo e verdadeiro, como mostra outro tweet: "O que vocês precisam entender é que a maior mentira contada sobre Bolsonaro é que o Presidente promova, externar ou endosse o ódio. Ele é um homem bom e justo. A revolta do homem justo ante a injustiça, que

eles pintam de ódio, é o mais puro amor à Deus, a verdade e ao povo.”¹⁷ E novamente há a denúncia de uma tentativa de articulá-lo ao ódio quando na verdade sua essência é a da bondade, da verdade e do amor a Deus, especificamente.

3.3 ANÁLISE - DISCURSO DE ANALISTAS EXTERNOS

3.3.1 Lula e o amor como estratégia comunicacional

Neste terceiro momento discutiremos as emoções em Lula e Bolsonaro, mas dessa vez a partir da observação de analistas externos, principalmente das notícias e colunas de opiniões em sites jornalísticos. Cabe dizer que esses textos são menos numerosos que os *tweets*, no entanto mais extensos e mostram leituras que, em tese, não teriam compromisso com as narrativas oficiais de ambos os candidatos. Especificamente na seção 3.3.1 analisaremos as formas como a imagem de Lula foi ligada ao amor. Percebemos pela primeira vez a ideia explícita do uso do amor como estratégia e a retomada de um ideal de amor romântico entre Lula e sua esposa que reflete também no amor pelo Brasil.

O texto “Até onde vai o Lula Paz e Amor na batalha das rejeições?”¹⁸, publicada em 23 de maio de 2022 pelo colunista Alberto Bombig no site do UOL, retoma, logo no título: a imagem que apareceu na seção anterior, a de um “Lula Paz e Amor”. No entanto, questiona as fronteiras desse personagem em meio a um cenário de polarização. Duas questões pontuadas nesse panorama são o desconforto dos bolsonaristas pela liberdade de Lula e a mudança na equipe de comunicação do ex-presidente, isso aliado aos baixos índices de aprovação do governo Bolsonaro — como a coluna mostra, 67% de rejeição em novembro de 2021, apesar da diminuição para 59% no mês de maio em que a matéria foi escrita — teriam, para o autor, aumentado as chances de eleição de Lula.

No entanto, o autor critica a escolha de narrativa feita pela equipe do Partido dos Trabalhadores. Para o colunista, o PT precisa: “falar de pandemia, de inflação e, segundo especialistas, sublinhar as “peculiaridades” do presidente, seu gosto excessivo pelos passeios

17 “O que vocês precisam entender é que a maior mentira contada sobre Bolsonaro é que o Presidente promova, externe ou endosse o ódio. Ele é um homem bom e justo. A revolta do homem justo ante a injustiça, que eles pintam de ódio, é o mais puro amor à Deus, a verdade e ao povo.”. Brasil, 17 de ago de 2022. Twitter: @@profcabarros. Disponível: < <https://twitter.com/profcabarros/status/1559917273481191426> >. Acesso em: 09/10/2022

18 “Até onde vai o Lula Paz e Amor na batalha das rejeições?”. Disponível: < <https://www.uol.com.br/eleicoes/2022/05/23/ate-onde-vai-o-lula-paz-e-amor-na-batalha-das-rejeicoes.htm> >. Acesso em: 05/10/2022

e viagens, e sua insensibilidade diante dos milhares de mortos da pandemia.”, ao invés da marcação que faz ao pontuar amor e ódio, como avalia ao mostrar dois *tweets* de Lula que falam das emoções para indicar a gerência do governo Bolsonaro e pontua: “Agora, é hora de perguntar: até onde Lula vai seguir nessa toada?”.

É interessante perceber que esse é um caso em que analisa-se o amor em Lula não como um sentimento que o ex-presidente sente ou não. Bolsonaroistas, opositores e até mesmo o próprio Bolsonaro não apontaram explicitamente o amor como um plano de marketing de Lula, a disputa de sentidos sempre trabalha com a noção de que a emoção é sentida, de maneira verdadeira ou falsa. A crença mobilizada é de que o amor como estratégia comunicacional política é feita num movimento tático. Além disso, a atitude incentivada é de cessar esse uso e ir por caminhos mais racionais onde a estratégia mobilizada não deveria ser emocional e sim apoiada em fatos e dados. Esse pensamento concorda com uma posição de superioridade da racionalidade em detrimento às emoções onde “se destaca a importância da regulação de estados e de posturas emotivas” (Freire Filho, p. 68). Dessa maneira, as emoções, mesmo que em usos estratégicos, perdem força diante de informações factuais “racionais”.

Outro texto que mostra uma relação entre Lula e o amor foi publicado pela Rede Brasil Atual, um site gerido pelos trabalhadores do Sindicato dos Bancários de São Paulo e do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Trata-se de notícia sobre o casamento de Lula e Janja, assinada pela Redação RBA e publicada no dia 18 de maio de 2022. O texto “Amor para vencer o ódio: Lula e Janja se casam em São Paulo”¹⁹ dá informações sobre o casamento, pontuando logo em seu lide uma posição de amor ao citar uma frase do padre que celebrou o casamento: “A cerimônia foi conduzida pelo bispo emérito de Blumenau (SC), dom Angélico Sândalo Bernardino, um velho amigo de Lula. ‘Amai-vos uns e não armai-vos’, costuma dizer”. Ainda no lide, o amor é marcado também na fala da noiva: “Janja comemorou o dia. ‘Ninguém mais feliz que eu e você. Hoje é dia de celebrar o nosso amor. Que o vento venha nos abençoar e carregar todo mal para longe de nós!’”.

A notícia segue com informações sobre Janja, como sua formação profissional e a forma como conheceu o ex-presidente, mas também inclui uma parte da nota lançada pelo Partido dos Trabalhadores que, novamente, fala sobre amor no trecho: “O PT, que tem Lula

¹⁹“Amor para vencer o ódio: Lula e Janja se casam em São Paulo”. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/politica/lula-janja-casam-sao-paulo/>>. Acesso em 05/10/2022.

entre seus fundadores, em 1981, se manifestou sobre a data. ‘Em um Brasil assolado pelo ódio, o desrespeito, a intriga, manifestar o amor é um ato de coragem, um ato necessário para o país. Felicidades para nosso presidente Lula e para nossa querida Janja! O Brasil vai voltar a ser o país do amor e da esperança’, disse o partido em nota.”. Essas pontuações frequentes de amor e ódio acionam a crença de um casamento não apenas cheio de amor, mas de um cenário de bravura onde casar-se seria um ato de coragem, um exemplo para o país. O sentido grudado não apenas em Lula, mas também em Janja, no próprio partido e nos convidados é o de combate por meio do amor.

A segunda parte do texto contém detalhes sobre o vestido usado por Janja, que ao mesmo tempo explica sobre quem o confeccionou, mas também informa que o vestido só foi possível por causa dos governos Lula que “forneceram condições para que os trabalhos de cooperativados de preservação cultural encontrassem subsistência”. A notícia é finalizada com a ideia de que ao se casarem nas condições que se casaram, Lula e Janja “acenam para o amor que têm pelo Brasil, pela cultura e pelo trabalhador.”, de novo retomando a ideia de que o casamento por si só não é só um ato de amor do casal, mas de amor por todo o país.

Ambos os textos articulam o amor, mas de formas diferentes. Um deles interpreta o amor como incapaz de ser o ponto central de uma luta contra o Bolsonarismo, enquanto o segundo tenta grudar o amor e dirigir seus sentidos para o máximo de aliados de Lula e para o máximo de situações.

3.3.2 Lula e o ódio cirista

Os textos que relacionam Lula e ódio seguem alguns padrões estabelecidos anteriormente, apontando Lula como vítima do ódio e novamente a figura de Ciro Gomes pontuando o ex-presidente como alguém que promove o ódio. No entanto, diferente de outras ocorrências, não assumindo o ódio como uma característica intrínseca de Lula.

“O ódio a Lula e a ‘lenda do piolhento’”²⁰ foi publicado no site do Carta Capital em 28 de março de 2022 pelos colunistas Lenio Streck e Marco Aurélio de Carvalho. O texto é um julgamento especialmente a Carlos Alberto Sardenberg, jornalista global, crítico a Lula e seus governos. O título faz referência a uma suposta lenda sobre um morador de uma vila que, apesar de desmentido e mal tratado, continuava a chamar um outro morador de piolhento,

²⁰“O ódio a Lula e a ‘lenda do piolhento’”. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/opiniao/o-odio-a-lula-e-a-lenda-do-piolhento2/>>. Acesso em 05/10/2022.

mesmo que todos ao seu redor achassem o comportamento de maldizer patológico. Os jornalistas comparam a postura do personagem da lenda com o de Sardenberg: “Difama o PT e Lula todos os dias. Mesmo que os processos tenham sido todos extintos e que Lula seja tão inocente quanto os donos da Rede Globo, e que a perseguição criminosa e injusta que sofreu já tenha sido desmascarada Sardenberg sai pela cidade dizendo ‘PT e Lula roubaram’”

Para Leonio e Marco Aurélio, Lula é vítima de uma injustiça política onde, apesar de inocentado, continua sendo perseguido pelo jornalista que faz parte de um grupo de comunicação que poderia ser tão acusado, mas verdadeiramente, quanto Lula. A crença é a de que uma punição odiosa e consciente está sendo feita contra Lula que tem grudado em sua figura o sentido de alguém injustiçado. A atitude reforçada é de busca de conhecimento por parte de Sardenberg especificamente, já que o orientam a consultar “os advogados do jornal. Eles lhe explicariam – porque são muito competentes – o que é juízo incompetente, o que é parcialidade e o que é prescrição.”

Por outro lado, outro sentido que pode ser grudado no ex-presidente é justamente o contrário do proposto por Leonio e Marco Aurélio. Em “Ciro cita 'gabinete do ódio do PT' e diz que Lula é 'boa gente' que se corrompeu”²¹ publicada em 29 de julho de 2022 pelo colunista João Gabriel, mostra-se uma tentativa do então terceiro colocado nas pesquisas de retratar Lula como alguém que é, em sua própria concepção, tão odiável quanto é o Bolsonaro, ao dizer: “Um ambiente de lacração, de cancelamento, de violência política que é só o Bolsonaro que promove, não. O comportamento da militância, do gabinete do ódio do PT e do Lula, é um dos mais fascistas e execráveis do Brasil, não tenha dúvida”. Usando vocabulários do próprio bolsonarismo ao dizer termos como “lacreção” e “cancelamento”, *Ciro Gomes* faz uma avaliação de que o ódio que Bolsonaro faz uso para construir suas políticas também existe para Lula na forma do gabinete de ódio.

No entanto, num movimento quase paradoxal, *Ciro Gomes* enxerga em Lula uma essência de bondade que falta em Bolsonaro. Lula seria uma boa pessoa, mas foi levado pelo sistema que, num segundo momento, ele mesmo começa a corroborar, como alega no trecho em aspas da reportagem: "Que ele [Lula] é uma boa pessoa, eu não tenho a menor dúvida. Porque o Bolsonaro não é uma boa pessoa. Agora, o Lula se corrompeu, é um grande corrupto e um grande corruptor da vida brasileira". Ainda assim, *Ciro Gomes* enxerga que os

²¹ “Ciro cita 'gabinete do ódio do PT' e diz que Lula é 'boa gente' que se corrompeu”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/07/ciro-cita-gabinete-do-odio-do-pt-e-diz-que-lula-e-boa-gente-que-se-corrompeu.shtml>. Acesso em 05/10/2022.

atos de Lula são o que importam porque são relevantes para o povo. A crença é numa similaridade nas atitudes de Lula e Bolsonaro, mesmo que não em sua essência.

Numa análise contraditória, Ciro Gomes diz que o ex-presidente é essencialmente bom, mas seus atos são ruins e ele age como se a sua essência fosse de bondade. "O Lula fica posando de bonzinho, mas a canalhice, a falta de respeito e a falta de escrúpulo, os insultos, as agressões, as mentiras que o Lula promove no Brasil são tão graves quanto aquelas que o Bolsonaro promove". No entanto, com base no referencial teórico, é possível perceber que o que Ciro Gomes aponta como uma conduta que alimenta um gabinete de mentiras e corrupção, na verdade não se enquadraria como ódio. Como Brudholm (2018) explica, o ódio não abre possibilidade de diálogo porque enxerga-se o odiado como alguém que não pode ser mudado, uma definição que se aproxima muito mais da descrição de Bolsonaro do que da de Lula. No entanto, o ex-presidente, pela representação feita por Ciro Gomes, ainda se encaixaria na classe das atitudes proposta por Brudholm (2018), mas como atitude participante reativa, onde a atitude ainda é aversiva, mas não se trata de ódio porque é preciso um "respeito por conhecimento" por parte do outro, uma necessidade mínima de boa vontade mútua entre as partes.

Tanto "O ódio a Lula e a 'lenda do piolhento'" quanto "Ciro cita 'gabinete do ódio do PT' e diz que Lula é 'boa gente' que se corrompeu" articulam Lula ao ódio, mas com leituras diferentes do lugar do ex-presidente para a emoção. O primeiro reconhece em Lula uma vítima do ódio, enquanto o segundo expõe a opinião de outro presidenciável que, apesar de não assumir uma essência de ódio em Lula, assume que ele é a mente por trás de uma articulação política de ódio.

3.3.3 Bolsonaro e o amor que o transforma em cidadão

Quanto à articulação de Bolsonaro com o amor, os textos seguem por linhas radicalmente dicotômicas, num primeiro momento, mencionar o presidente como alguém que ama o Brasil é um disparate e, no segundo, Bolsonaro ama o Brasil de uma forma quase paternal.

O primeiro texto é o escrito por Juan Arrias e publicado no El País com o título "A invenção do 'Bolsonaro paz e amor' é uma zombaria grotesca à inteligência"²². Assim como

²² "A invenção do "Bolsonaro paz e amor" é uma zombaria grotesca à inteligência". Disponível e: <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2021-10-18/a-invencao-do-bolsonaro-paz-e-amor-e-uma-zombaria-grotesca-a-inteligencia.html>>. Acesso em 06/10/2022

outros momentos narrados ao longo dessa análise, a manchete faz menção à figura do Lula Paz e Amor, mas sugerindo que a possibilidade de Bolsonaro se encaixar nesse personagem mais conciliador e amável é nula. A coluna se inicia com “só um cínico pode acreditar que a confissão feita dias atrás pelo presidente Bolsonaro, de que ‘chora sozinho no banheiro’ para que sua mulher não o veja”, uma frase que faz referência às declarações do próprio presidente que, em outubro de 2021, alegou chorar sozinho no banho e que sua esposa, Michelle Bolsonaro, nunca tinha visto. Na época dessa ocorrência, Bolsonaro chegou a dizer que “Ela [Michelle] acha que eu sou o machão dos machões. Em parte, acho que ela tem razão até”. A postura fala do presidente gera empatia. A crença mobilizada por Bolsonaro tenta equilibrar duas posições opostas do senso comum das emoções, onde as emoções são privilegiadas como uma característica de humanidade, mas ao mesmo tempo elas são deslegitimadas por serem traços “femininos”. Bolsonaro sofre porque se importa com o país, um sofrimento que se materializa no choro, mas ao mesmo tempo seu sofrimento e seu choro não o descaracterizam como homem, como “machão”.

No entanto, o texto é enfático em tentar desfazer essa imagem. Bolsonaro, na verdade, não sente amor, sua essência é o ódio, sua trajetória como presidente mostra isso. Tentar atrelá-lo ao amor não passa de uma estratégia política descarada onde “o bolsonarismo tenta retirar de Lula a capa de político “paz e amor” para cobrir com ela o psicopata Bolsonaro, cuja essência é a violência, o ódio, a morte e a mentira”.

O texto faz a denúncia de uma suposta tentativa de domesticação da imagem do presidente. Esse também é uma coluna que enxerga os usos das emoções como algo consciente e estratégico, mas a natureza pintada é odiosa. A crença mobilizada é de que o amor não cabe em Bolsonaro porque seus atos só mostram ódio e descrevê-lo como tal é insultante porque o que gruda em Bolsonaro é “a violência, o ódio, a morte e a mentira”. O valor é o inconformismo e a atitude incentivada é justamente a não aceitação dessa figura de “Bolsonaro paz e amor”.

O segundo texto ““O presidente Bolsonaro ama a sua pátria e não concorda com a política de preços da Petrobras”, diz Papparico Bacchi”²³ é uma notícia publicada em 01 de julho de 2022 e contém trechos de uma entrevista do então líder do Partido Liberal, Papparico Bacchi, em sua participação em um programa da Rádio Cultura, um braço do Jornal Boa

23 ““O presidente Bolsonaro ama a sua pátria e não concorda com a política de preços da Petrobras”, diz Papparico Bacchi”. Disponível em: <<https://jornalboavista.com.br/o-presidente-bolsonaro-ama-a-sua-patria-e-nao-concorda-com-a-politica-de-precos-da-petrobras-diz-papparico-bacchi/>>. Acesso em 06/10/2022

Vista que é o site que hospeda a matéria. As falas são principalmente sobre a diminuição dos estados e municípios a partir das cargas tributárias que, em sua concepção, são abusivas. Sobre Bolsonaro especificamente, Papparico diz que: “o presidente Bolsonaro acerta em fazer a redução da alíquota do ICMS no Brasil”, mas acrescenta com sua própria percepção de Jair Bolsonaro como um “presidente que ama o Brasil. Defeitos todo mundo tem, mas o Bolsonaro é um brasileiro que ama sua pátria. Ele não está concordando com a política de preços da Petrobras, nós não podemos atrelar o nosso combustível brasileiro ao dólar”. Nessa percepção, Bolsonaro é o presidente que ama sua pátria, mas sua única postura frente a algo que não apoia é discordar. Papparico ainda tenta fazer uma defesa, responsabilizando o presidente anterior pelos problemas: "Quem criou esse mecanismo não foi o presidente Bolsonaro, mas o Michel Temer que mudou a política de preços da Petrobras, porque até então o Brasil estava vivendo o maior escândalo de corrupção no mundo”.

Apesar de ser o presidente uma das pessoas que poderia resolver a questão, a fala do líder do partido coloca Bolsonaro muito mais como alguém indignado do que alguém que se propõe a fazer mudanças. A única proposição coloca nas mãos da estatal a decisão entre diminuir os preços ou ser privatizada. É quase como se houvesse uma cisão a partir do amor. O que Bolsonaro sente o transforma num cidadão comum, indignado, *outsider* do sistema estatal que, nas palavras de Papparico, “serve para acomodar o compadre, comadre, o primo, aquele outro e, vira um grande antro de corrupção”. Bolsonaro, a quem muitos especialistas atribuem sua vitória justamente por representar alguém “novo” na política, é apoiado em seu amor pela pátria para fazer quebras e mudar paradigmas a partir de duas figuras que, nesse caso, se separaram: a de presidente e a de patriota. O sentido grudado em Bolsonaro é de alguém que ama e por isso se revolta. A crença mobilizada é que seu amor também é um ato político.

Ambas as mobilizações mostram pontos polarizados das formas como analistas externos enxergam o presidente. Jair é representado como alguém incapaz de amar e colocar o amor do seu lado se transforma em um disparate ou então como alguém cujo amor pela pátria é a principal qualidade.

3.3.4 Bolsonaro e o ódio ao inimigo

Os analistas externos enxergam o ódio em Bolsonaro principalmente na forma do discurso de ódio, como aquele que profere o discurso e, em outros casos, como alguém que é

vítima do discurso. Outra ocorrência mostra Michelle Bolsonaro como uma representante do ódio que Bolsonaro sente.

Em “Michelle Bolsonaro: a voz doce do ódio”²⁴, publicada originalmente como parte da *newsletter* do jornal *The Intercept*, mas compartilhada no site em 20 de Agosto de 2022, o personagem principal da mobilização do ódio não é o presidente Bolsonaro, mas sim sua esposa Michelle Bolsonaro. O texto narra a participação da primeira-dama em um dos comícios em Juiz de Fora. Ela é caracterizada como carismática, de voz doce, mas que quando falou, seu discurso se igualou ao de seu marido. Como coluna mostra, foi o clã Bolsonaro e seus apoiadores que trouxeram o termo “inimigo” e a dicotomia bem e mal para a política recente do nosso país porque “a onda de extrema direita que varre o mundo e se materializou no Brasil em Jair Bolsonaro naturalizou o ódio e a hostilidade com ferramentas para a guerra – e não mais a disputa de ideias – da política.” Mas como apontou o referencial teórico deste estudo, Stone (2012) apontou que essa polarização não é nova no cenário da política mundial porque essa foi a estratégia promulgada pelo regime fascista. Em 2022, Michelle Bolsonaro segue as mesmas narrativas.

Sua fala não é moderada, como poderia se esperar, uma vez que o texto conta como um dos primeiros atos de Michelle ao subir no palanque foi comandar uma oração Pai Nosso. A Primeira-dama logo diz que “E, se o seu adversário político (aliás, inimigo) é o próprio cramulhão, que mal há em mandar fuzilá-lo?” enquanto a tentativa, como a coluna mostra, é uma “a todo custo suavizar a imagem de Bolsonaro e, assim, buscar os votos de que ele precisa para além da bolha de fanáticos que o idolatra”. A mobilização do ódio que a publicação explícita tem como crença que Michelle Bolsonaro incentiva o ódio tanto quanto seu marido e o sentido grudado nela é igualmente odioso, mesmo que exista uma tentativa de atenuar os discursos por Michelle ser “mais bonita e mais jovem”. O ódio em Michelle é incitado para alcançar aqueles que as falas de Bolsonaro não alcançam.

Já o segundo texto, apesar da manchete ser “Punir Bolsonaro por discurso de ódio depende de interpretação”²⁵, não se propõe a afirmar nada sobre a conduta do presidente. O texto publicado na Folha de São Paulo em 16 de julho de 2022, escrito por Angela Pinho, se dedica em sua extensão a falar sobre como profissionais indicam que “determinadas falas de

24 “Michelle Bolsonaro: a voz doce do ódio”. Disponível em: <<https://theintercept.com/2022/08/20/michelle-bolsonaro-a-voz-doce-do-odio/>>. Acesso em: 06/10/2022

25 Punir Bolsonaro por discurso de ódio depende de interpretação. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/07/punir-bolsonaro-por-discurso-de-odio-depende-de-interpretacao.shtml>>. Acesso em 06/10/2022.

Bolsonaro poderiam ser enquadradas dessa forma e são passíveis de punição por crimes como o de racismo e de apologia de fato criminoso”. A publicação também fala de censura, mas se concentra muito mais em mostrar como as falas de Bolsonaro podem afetar a vida, como é narrado no caso do petista assassinado em sua própria festa de aniversário no dia 02 de julho.

O discurso de ódio, como explica Ahmed (2014), é sempre afetivo. Mesmo que o outro não seja afetado pelo que se fala, a raiz é sempre emocional e o que importa é entender os efeitos que esses encontros têm nos corpos das pessoas que se tornam o objeto odiado. Como o texto explica, quando Bolsonaro diz que vai “fuzilar a petralhada” há uma alta probabilidade de gerar danos, como foi o caso da morte do petista. A crença mobilizada é que ao falar determinadas coisas, Bolsonaro está incentivando o ódio e tenta-se reforçar essa crença colocando as falas dos especialistas para explicar o fato. Os valores são os da confiança nos especialistas e nos estudos de discurso de ódio. No entanto, a atitude não fica clara porque o único parágrafo que se dedica a falar de proposições para os discursos do presidente se limita a dizer que o procurador-geral da República, única pessoa capaz de responsabilizar Bolsonaro pelas suas falas, está alinhado com o governo de Jair.

O supracitado é muito diferente do que propõe a coluna “O genuíno discurso de ódio”²⁶, publicada na revista Oeste pela colunista Branca Nunes em 17 de julho de 2022 . O texto que se inicia com “pelo jeito, para que se configure ato antidemocrático, o alvo da ofensa não pode ser o chefe do Poder Executivo”, tem uma posição completamente contrária da que proposta pelo jornal Folha de São Paulo porque nele a vítima do discurso de ódio é o próprio Bolsonaro. Seria discurso de ódio quando opositores desejam sua morte em motocicletas ou em decorrência da facada. Esse seria o verdadeiro discurso de ódio — implicando outros discursos de ódio não terem tanta validade — e categorizando o ato como antidemocrático e que só seria punido se “alvo da ofensa precisa ser dirigente do PT. Ou ministro do STF”. É uma mobilização de narrativa muito parecida com a das alegações de Bolsonaro na notícia: “Bolsonaro acusa Lula de discurso de ódio em ações no TSE”, publicada no site do Jornal Nexo em 05 de agosto de 2022 que mostra o testemunho de Bolsonaro ao acusar Lula de discurso de ódio porque o “petista usou termos como ‘fascista’, ‘genocida’ e ‘desumano’ para se referir ao seu adversário nas eleições presidenciais”. Ambos os casos movimentam a crença de Bolsonaro vítima de crimes de ódio enquanto incentivam a atitude de equiparar suas alegações às situações em que ele é o culpado.

26 “O genuíno discurso de ódio”. Disponível em: <<https://revistaeste.com/politica/o-genuino-discurso-de-odio/>>. Acesso em 06/10/2022

Esse é um movimento complicado porque, como explica a autora, o ódio dos discursos de ódio “circula e se move entre signos e corpos” (Ahmed, 2014, p. 60). Já as acusações de Bolsonaro e seus apoiadores fixam nele, especificamente, os sentidos de “genocida”, “fascista” e “desumano”. Não se trata de um grupo social sendo estigmatizado por crenças preconceituosas e tendo esses sentidos grudados em si. Quando acusam Jair de ser “genocida”, “fascista” e “desumano” apenas uma pessoa aparece como alvo dessa crítica.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível perceber que, nas redes sociais, eleitores lulistas e bolsonaristas se preocupam com as narrativas sobre emoções, polarizando os candidatos em lugares bem definidos. Para seus apoiadores, Lula é o representante do amor. Ele é quem, pela força das boas emoções, irá derrotar o ódio bolsonarista que o atual presidente produz ao ser incompatível com o amor. Enquanto Bolsonaro, para seus apoiadores, é o guardião do amor a Deus e à pátria e vítima de um ódio hipócrita da esquerda. Para esses, Lula representa, na verdade, uma posição anti-amor, sendo esse amor justamente o amor que Bolsonaro guarda. Esses eleitores se unem aos cristãos para denunciar também um incentivo ao ódio, uma verdadeira face odiosa do ex-presidente.

Os discursos dos próprios presidenciáveis também têm articulações claras. Como já foi dito, Lula usa “o amor vai vencer o ódio” como um lema de campanha e toda sua comunicação se volta para essas dicotomias onde a justiça social, representada por ele, está do lado do amor e ódio, representado por Bolsonaro, do lado das desigualdades. Enquanto o atual presidente, apesar de em sua página no *Twitter* não se dedicar muito a essas pautas, faz uma marcação igualmente polarizada, onde ele próprio representa aqueles que amam Deus, a pátria e a liberdade, enquanto a esquerda possui um falseamento de emoções que culmina numa hipocrisia odiosa. Cabe ressaltar que em seu horário eleitoral na televisão, que começou depois do fim do período de coleta deste estudo, Bolsonaro explicou que é um homem que fala o que sente e como sente, o que mostra um direcionamento claro do seu discurso para as emoções.

Já para os leitores externos, essa preocupação com a articulação das emoções imita os moldes já propostos pelos candidatos e eleitores ou então se nega completamente à

investigação dos usos políticos das emoções. Essa segunda postura é nítida principalmente pela falta de artigos opinativos sobre o assunto e também por uma postura clara de priorizar — e exigir dos candidatos que priorizem — fatos e dados. É possível identificar por parte desses leitores uma tentativa de construção de uma política desprovida de emoções, como se a racionalidade fosse não só superior, mas antagônica às emoções. Quando na verdade, uma política pautada na desconsideração das emoções cria exclusão de todos aqueles que são considerados emocionais.

Por fim, fica óbvio que ambos os candidatos não só mobilizam as emoções como possuem estratégias firmes sobre elas. No entanto, as diferenças são igualmente sólidas. Ao fim das eleições, após a elaboração dessa monografia, muitos daqueles que reivindicam o amor nos moldes de Bolsonaro, se reúnem ao redor do Brasil para manifestar esse amor e o ódio à esquerda em atos golpistas e antidemocráticos, diferente dos atos da oposição ao governo Jair — até mesmo os expostos nesta monografia — que sempre se mantiveram nos limites da Constituição, assim apontar uma equivalência nas mobilizações das emoções seria errôneo. Bolsonaro e Lula representam o amor e o ódio ao mesmo tempo, como alvos e como aqueles que sentem as emoções, no entanto, as formas e os fins são opostos. Quando Lula reivindica o amor, sua fala é sobre justiça social e quanto ao ódio fala das desigualdades, da mentira e da má gerência. Bolsonaro fala do amor a Deus e à pátria, não aos indivíduos de um país, mas à própria nação. Sem jamais negar a sua própria postura odiosa, o que Bolsonaro e bolsonaristas fazem é apontar apenas a hipocrisia da esquerda. Fica claro a possibilidade das mesmas emoções serem articuladas para fins e para projetos de país completamente diferentes em que um se apoia em ideais de compaixão e o outro em armas do fascismo.

REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. **The cultural politics of emotion**. Edimburgo: Edinburgh University Press/Routledge, 2014.

BRUDHOLM, Thomas. **Hatred as an attitude**. *Philosophical Papers*, v. 39, n. 3, p. 289-313, 2010.

BRUDHOLM, Thomas; JOHANSEN SCHEPELERN, Birgitte. **Pondering hatred**. In: *Emotions and Mass Atrocity: Philosophical and Theoretical Explorations*, p. 81-103, 2018.

FREIRE FILHO, João. **Correntes da felicidade: emoções, gênero e poder**. *MATRIZES*, v. 11, n. 1, p. 61-81, 2017.

DORSCHER, Andreas. **Is love intertwined with hatred?**. Journal of the British Society for Phenomenology, v. 33, n. 3, p. 273-285, 2002.

JAGGAR, A. M. **Love and knowledge: emotion in feminist epistemology**. Inquiry, Chicago, v. 32, n. 2, p. 151-176, 1989.

KOLNAI, A. The Standard Modes of Aversion: Fear, Disgust and Hatred. **Mind**, v. 107, n. 427, p. 581-596, 1998

KOLNAI, A. An Essay on Hatred. In: MCALLER, G. (Org.). **Politics, Values, and National Socialism**. Londres: Transaction Publishers, 2013. p. 139-174, 1935.

LUTZ, C.; ABU-LUGHOD, L. **Language and the politics of emotion**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1990.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, v. 136, p. 1, 2010.

ROSENWEIN, Barbara H. **História das emoções: problemas e métodos**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

SANTOS, EM., and ROMUALDO, EC. **O “sapo barbudo” e o “lulinha paz e amor”: as identidades de lula construídas pela mídia na campanha de 2002**. In TASSO, I., and NAVARRO, P., orgs. Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas [online]. Maringá: Eduem, 2012.

SHKLAR, Judith N.; SHKLAR, Judith Nisse. **Ordinary vices**. Harvard University Press, 1984.

STENBERG, Robert; STENBER, Karin. **The psychology of hate**. American Psychological Association, 2005

SOLOMON, Robert C. **True to our feelings: What our emotions are really telling us**. Oxford University Press, 2008.

STONE, Marla. Italian Fascism's Soviet Enemy and the Propaganda of Hate, 1941-1943. **Hate Stud.**, v. 10, p. 73, 2011.